Ibrantina Cardona

Kleopatra

Poema tragico
e historico

São Paulo
1923

KLEOPATRA .

Obras poeticas da Autora :

PLECTRO
HEPTACORDIO
KLEOPATRA

A publicar :

COSMOS (poesias)
RAIOS DE SOL (poesias)
APRECIAÇÕES LITERARIAS (prosa)

IBRANTINA CARDONA

KLEOPATRA

POEMA TRAGICO E HISTORICO

SÃO PAULO — 1923

INDICE

NON PARVAS ANIMO DAT GLORIA VIRES
EX LIBRIS DE IBRANTINA CARDONA

DEDICATORIA.

Á "Academia Fluminense de Letras."

Penhor de estima, admiração e gratidão da sua socia correspondente.

Ibrantina Cardona

Nictheroy, 28 de Março de 1924

AO LEITOR

Por um lamentavel descuido das Officinas Graficas Mon-
eiro Lobato & C. ás quaes foi confiada a revisão da segunda
rova deste livro, entre pequenas faltas, nota-se a troca de versos:

Pag.s 32, verso sexto, em vez de :

Grato penhor... acceito-o com entono,

leia-se :

De quem m'a offerta, que é a mais valiosa

Pag.s 65, segunda estrophe, verso setimo, em vez de :

Que a propria mãe sangrenta enchem de dores

leia-se :

Pela magua que a opprime e o seio aferra.

A Autora

Ao grande poeta e mago artista

ALBERTO DE OLIVEIRA,

genio da poesia brasileira, gloria e orgulho da minha Patria, esta homenagem espiritual.

IBRANTINA CARDONA.

IBRANTINA CARDONA

KLEOPATRA

❧

Poema tragico e historico.

(Epoca 41 - 30, A. C.)

Longe da sombra e do ambito pequeno,
Musa, distende as azas ao meu verso,
E no meu canto altivolo, sereno,
Perpetua as bellezas do universo.

I

ASPIRAÇÃO DE KLEOPATRA

Trevos de ouro abrolhando, a esphera accesa
Abre-se para a noite langue e morna;
Enervante, o seu fluido de tristeza,
Por sobre o Egypto, o plenilunio entorna.

No horizonte accentuam-se, estampados
Vultos de esphinge e moles de granito,
Que parecem Titans alevantados
Para a ascensão gloriosa do infinito.

Tardia caravana, lentamente,
Vem de Giséh pelo areal tranquillo,
Ouve-se-lhe, ao beduino, a voz dolente,
Triste como a voz querula do Nilo.

Geme ao longe uma guzla... Alexandria
Esmorece ao quebranto que lhe invade,
E ao luar que a tristeza contagia
Erra o genio empolgante da saudade.

Kleopatra, na alcova, retrahida,
A esmo divagando o olhar tristonho,
Presa á calma que á scisma lhe convida,
Desabrocha do ideal a flor do sonho.

Na almofada de bysso a fronte encosta;
Um suspiro de quando em quando exhala,
E a sandalia embalança ao pé, mal posta,
Rente a pelle de um tigre de Bengala.

Ora calma, ora anciosa, uma columna
De sandalo tauxiado ao leito aperta,
Ou preme ao seio o folego que o enfuna,
Como quem scisma numa gloria incerta.

Cae-lhe da fronte ao torso de alabastro,
Cingida numa serpe de ouro fosco,
A cabelleira lurida, em desnastro,
Rescendente a perfume de abelmosco.

— Flor de loto, suspensa, ao tecto presa,
A lampada de prata os raios mornos
De luz radia, e ao corpo da princeza
Desvenda as linhas gregas e os contornos.

Atravez do gradil de uma janella,
Um nastro de luar, ao léo do vento,
Vara a trama de Cós da bambinella,
E traça mobeis crivos no aposento.

Na tripode de bronze de Corintho
Evola-se e rescende a myrrha accesa;
Hippico, sobre o marmore de um plintho,
Um centauro seus musculos reteza.

As rosas pendem de uma jarra etrusca,
De tão fino lavor que o artista sagra;
Num jaspeo estello, em viravolta brusca,
Se estorce a bailarina de Tanagra.

O corpo esculptural, meio desnudo,
Da mais bella princeza do Levante
Guarda uma ancilla, e no recinto mudo
Plumeo flabello agita, instante a instante.

Sob o tyrio docel de franjas de ouro,
Kleopatra, em fofez de pluma e seda,
Reclina-se e olha a esmo o estendedouro
Da alcova, a meditar abstracta e queda:

"Possuir a fascinante formosura
Que a Cesar acurvou ás minhas plantas,
E ter no olhar a chispa que fulgura,
Duplo encanto na voz e graças tantas,

Sem poder, sob o sceptro de rainha,
Aos meus pés arrastar, submisso o mundo,
Eis a magua peior que me espesinha
E o terror em que toda me transfundo.

Que me adianta do Egypto essa riqueza?
Esse luxo invejavel si o desfruto,
Num espaço pequeno que me apresa
Como um ignoto e misero reducto?

Como agir si os meus gestos invalida
A posição servil que me desdoura?
Si decresço ante o mundo, submettida
A' tutela de Roma usurpadora?

Ai! si Cesar vivesse, quanto o Egypto
Se ampliaria, afrontando o triumvirato...
Meu poder não veria tão restricto,
A supportar de Roma o desacato...

Marco Antonio insolente pede conta
Da protecção que a Cassius deu o Egypto;
Os decretos do paço Roma afronta,
E transforma os meus actos em delicto!

Filho dos Ptolomeus, bella e potente,
Porque não hei de Osiris meu, siderio,
Reinar, desde o Levante ao Occidente,
E Roma submetter ao meu imperio?

Reinar e independente ter meu sceptro,
Que eleve o Egypto e á gloria me translade,
Osiris, eis a graça que eu impetro
Ao teu poder de excelsa divindade...

Urge pedir a Antonio a sua audiencia,
E, com as expressões da calma ao rosto,
Sob a fina estrategia da prudencia,
Rehaver a segurança do meu posto.

Pela belleza, pelo nobre entono,
Triumphe o meu capricho ou nada valha;
Ou acclamada um dia eu suba ao throno,
Ou me abra o Cydno a tragica mortalha.

Que uma galeria a Tarso me transporte;
Seja justo o que aspiro ou seja erroneo,
E custe embora o meu capricho a morte,
Irei ao teu encontro, ó Marco Antonio!"

II

NAS AGUAS DO CYDNO

Azas de ibis á fronte, em forma de coroa,
Desnuda a espadua dentre a tunica de lhama,
Kleopatra do ideal um sonho desbotoa,
De anseios, na galera, o peito se lhe inflamma.

E a galera real, de marchetada proa,
Pôpa de aureo relevo, o Cydno azul recama...
Vibram as harpas de ouro, o incenso em nuvens voa,
E perfuma o docel que abriga á nobre dama.

Remos de prata, á flor das aguas, a galera,
Tyrias velas arfando, escorrega ao favonio;
E Kleopatra, em pós do triumviro que a espera,

Rumo de Tarso, segue, á guarda do seu solio,
A' conquista triumphal do amor de Marco Antonio,
No anseio de "ditar as leis ao Capitolio".

III

O ENCONTRO DE KLEOPATRA E MARCUS ANTONIUS

I

Forra o luar de lactea musselina
Os murtaes pittorescos da paizagem,
Onde Tarso dormente se reclina,
Qual naide que sonha entre a folhagem. náiade

Colubreja-lhe ao flanco, varzea em fóra,
E tremeluz o seu hyalino braço,
O Cydno que num som de guzla chora,
Mobeis jardins pompeando no regaço.

Desabrocham caçoulas de nymphéas,
Por entre as verdes algas de velludo;
Esponjeiras em flor, lembram napéas
E dryades em guarda ao bosque mudo.

O vento declinando o brando açoite
Mal franze o rio e embala o junco agreste;
Pende a terra em deliquio, e maga, a noite
De um velario de estrellas se reveste.

E emquanto o plenilunio ascende a umbella,
E branca de luar dorme a cidade,
Somente Marco Antonio, insomne, vela,
Palpitante de febre e de anciedade.

Que morosa lhe corre a noite lenta,
A par desse tormento prolongado,
Que o socego lhe rouba, e a alma impacienta
Pelo ser nunca visto e desejado.

Inquieto, pela alcova, ora passeia,
Ora medita, e ao leito se reclina,
A alma vagando em sonhos, toda cheia
Dessa visão de graça peregrina.

Não a conhece; mas já sabe que ella,
A quem Cesar ardente tanto amara,
Possue o garbo que seduz e é bella
Como a luz que á sua alma anima e aclara...

"Ella ha de vir... Que desça á terra a aurora,
E ao Cydno se desdobre o sol brilhante,
Para que chegue a Tarso, sem demora,
A mais linda princeza do Levante.

Ella ha de vir... Porque tanto os seus olhos
Já me deslumbram sem que nunca os visse?
E ao seu vulto se inclina de geolhos
Minh'alma que antefrue sua meiguice?

E essa voz que me canta nos ouvidos?
Essa voz de crystal sonorisante,
De onde vem, embriagando-me os sentidos,
Se de mim ella ainda está distante?..."

Levanta-se, a cortina abre á janella,
E um riso ao labio aflora alegremente,
Ao ver que no horizonte se revela
O sol que franja de ouro o veo do Oriente...

O olhar estende ao rio, e ouve, em surdina,
Como de harpas longinquas, a compasso,
Sonora vibração de musica argentina
Crescendo, pouco a pouco, pelo espaço.

Num gesto de triumpho, satisfeito,
Os braços para o ceo, de pé, levanta,
A ouvir, pelo alvoroço do seu peito,
O coração vibrar-lhe na garganta.

II

Ao longe, já se avista uma galera;
Kleopatra ahi vem, oh! que alegria!
Anima-se a cidade, á sua espera,
Grato prazer os rostos alumia.

Kleopatra ahi vem... sobe de manso,
A galera real de tyrias velas,
Como um gigante e colorido ganso
Dos que adornam bizarras aquarelas.

Num leito de marfim, sentada á popa
Aurilavrada de ibis, nenuphares,
A deusa ahi vem, velada em leve roupa
Tecida a filigrana de luares.

Sulcam remos de prata a fluida rota,
Onde as náiades de olhos de berillo
Acompanham a nympha polyglotta,
Que vem das bandas magicas do Nilo.

Tangem as harpas de ouro as mãos albentes
De ancillas da Chaldea, e a melodia
Evola-se, entre as espiraes olentes
De resina de Arabia e Alexandria.

Sob o docel de seda do Levante,
Alçado por artisticas columnas,
Eis que vem, como deusa fascinante,
A princeza do rubro mar das dunas.

E' Aphrodite surgindo dentre as vagas,
Com ternuras na voz e mel nos risos;
E' a sereia lethal das lendas magas
Que as suas seducções traz a Dionysos...

Kleopatra ahi vem... que maravilha!
Toda a pompa oriental em si fulgura;
Salta de bordo, e a terra emfim palmilha,
Nimbada do esplendor da formosura.

Achegam-lhe os etyopes a liteira
De sandalo e festões de aureo relevo;
Ella sobe; é garbosa e tão ligeira
Como o zephiro, e é leve como o trevo.

Num cortejo de náiades e amores,
A prever-se do solio a regia dona,
Eil-a agora, acclamada, entre os rumores
Do povo que por ella se apaixona.

Conduzem-n'a de rumo ao Consulado,
Emquanto, nobre o aspecto, a pose austera,
— Vulcão de amor no peito, soffreado,
A' frente do atrio, Marco Antonio a espera...

III

KLEOPATRA

Ave! consul egregio! gloria á vossa
Altiva Roma — a capital do mundo...
Que o meu verbo, senhor, agora possa
Testemunhar do Egypto o mais profundo
Amor, pelo prazer com que saudo

De Julio Cesar o bemvindo e nobre
Successor... Todo em flores de velludo,
Perante vos, o Egypto se descobre,
E aos vossos pés em ondas de perfume,
Minh'alma inclino:

Salve! Marco Antonio!

MARCO ANTONIO

Estrella que irradiaes o mago lume
E a belleza da perla do mar Jonio,
Salve!

Ante as vossas plantas eu repouso
A alma de humilde em gratidão desfeita;
Sêde bemvinda á plaga em que, ditoso,
Eu vos acolho, majestade eleita...
Dignae-vos, excellencia, vir commigo;
Honra e gloria trazeis ao nosso abrigo.

Na sala proxima do atrio, Kleopatra faz um leve acceno ao seu cortejo, do qual se affasta, encaminhando-se, pelo braço de Marco Antonio, para o salão nobre.

KLEOPATRA

Obrigada, senhor; bemdigo o ensejo
Em que o bem afinal se me depara;
Nas vossas attitudes eu prevejo
O influxo da bondade nobre e rara.

M. ANTONIO

Seja louvada a vossa graça, seja!...
De quem promana o bem desta alegria
Que vos devo á visita bemfazeja,
E ao coração que os vossos passos guia?
Benevolencia, crêde, majestade,
Somente existe na mulher formosa...
Não vedes o prazer que ora me invade,
Ao fitar-vos o vulto ideal de rosa?
Mal surgistes, qual Venus dentre as vagas,
Num cortejo de náiades e amores,
Aureo clarão trouxestes, novas cores,
Alegria e venturas a estas plagas...
Sentae-vos, a contento, majestade,
E dae-me vossas ordens, á vontade.

Kleopatra senta-se num coxim de purpura; pouco distanciado, á sua frente, Marco Antonio, attencioso e sorridente, a escuta.

KLEOPATRA

Senhor consul, á vossa gentileza
Muito fico a dever; quanto á bondade
— Dote das que possuem a belleza
Que de todo me falta — desagrade
Eu muito embora a vossa affirmativa,

Convicta, vos fallo, francamente,
E' prenda que não tenho; só deriva
Da vossa gentileza de clemente
Esse dote com que, tão cavalheiro,
Prodigo me agraciaes.

M. ANTONIO

Oh! majestade!
Transpirastes, num gesto traiçoeiro,
Essa virtude mais, que é a humildade
Realçando os outros dotes...

KLEOPATRA

Com franqueza,
Consul, estou confusa, e mais me acanho,
Possuida da emoção que o peito apresa
E os labios emmudece, pelo extranho
Requinte de um agrado nunca visto...

M. ANTONIO

Tivesse tal requinte ambicionado,
Majestade; mas, tanto delle disto,
Que temo não ficar no vosso agrado...
Ordenastes, de longe, a minha audiencia,
E ao dispor de quem manda fico attento;
E' meu desejo ouvir-vos, excellencia,
E cumprir vossas ordens, a contento.

KLEOPATRA

Penhora-me, senhor, a manifesta
Vontade de attenderdes meu desejo,
E sincera, a minh'alma vos protesta
Gratidão a esse impulso bemfazejo...
Como sabeis, a Cesar que em relevo
Legou seu nome á historia, a Cesar devo
Minha reposição no throno egypcio
Do qual o meu irmão se apoderara.
Coração de bondade, alma preclara,
Foi-me Cesar ao throno tão propicio
Que vivi sem receio. Após a morte
Do meu leal amigo, agora peço
A vossa protecção valiosa e forte.
O que almejo, sincera, vos confesso:
E' a confirmação da investidura
Real que Cesar — gloria dos romanos,
Me concedeu.

Ainda na postura
De mãe, que fala pelos mais humanos
Sentimentos, senhor, eu vos exoro,
De sob a lei que interpretaes com brilho,
Em memoria de Cesar, cuja adoro,
Reconhecerdes no meu proprio filho
Cesarion, seu filho muito amado
E futuro monarcha, rei do Egypto:
Eis meu desejo, consul; é o meu fado
Que sob a vossa guarda deposito.

M. ANTONIO

Aspiraes o que é justo, majestade,
E á causa justa o triumviro se allia...
Para ajudar-vos, que isto vos agrade,
Eu neste inverno, irei a Alexandria.
Sob a lei que me assiste e a mais sincera
Intenção de servir-vos, pelo encanto
Da vossa graça que real impera
O poder sobre o throno eu vos garanto.

KLEOPATRA

Oh! consul protector!... Vossa grandeza
D'alma, se vos eleva mais me encanta,
E eu de sob a emoção, tremula e presa
Sinto a voz embargada na garganta.
A palavra tremente mal explana
Tão enorme prazer que em mim palpita,
Só porque Alexandria, grata e ufana,
Vae receber, senhor, vossa visita...
A contarmos o tempo, até o instante
Desse dia em que fordes, oh! que anseio!
Quando longe se espera, mais distante
Fica o tempo de nós e ansiado o seio.

M. ANTONIO

Crede que vivo atarefado agora;
Desde a morte de Cesar que este Oriente

Romano reorganiso; e isto, senhora,
Mais me obriga a não ser condescendente.
Lastimo que não possa, majestade,
Ir logo á Alexandria; tão sincera,
O prazer expandis pela bondade,
Que a gratidão de mim mais se apodera.
Constrange-me, sem duvida, a demora
Com que eu, involuntario, vos obrigo
A esperar-me; entristece-me, senhora,
Causar-vos ansia igual a que commigo
Ficará...

A ansia de quem longe espera
E' a mesma d'aquelle que é esperado...
Alentemos, em sonhos, a chimera
De que nos foge, alipede e apressado
O tempo; inda uma vez, porem, declaro
Que não excederei do inverno; entanto
Contae com vosso amigo.

Kleopatra, levantando-se, num gesto gracioso, tira de sob a tunica de lhama de ouro um pequenino e rico estojo de joia e o estende a Marco Antonio.

KLEOPATRA

Até lá caro
Consul, afim de que perdure o encanto
Da vida e da chimera que a embalança,
Permitti-me o prazer, a liberdade

Em deixar-vos de mim grata lembrança,
Acceitae esta perola nitente
Oriunda de Ceylão...

Marco Antonio, de pé, numa curvatura cortez, acceita a joia que contempla commovido.

M. ANTONIO

Rica e formosa
Como o fidalgo coração somente
~~Grato penhor... acceito-o, com entono,~~
Entre as mais raras perolas do Oriente...
Grato penhor... acceito-o, com entono;
Penhor que em si concentra tudo quanto
De nobre, grande e bello eu ambiciono...
Elle me traz á vida um novo encanto,
E é como um elo de ouro perfumado,
Que prende um verso a outro; é uma rima
Que fulge, canta e vibra, e deslumbrado,
De algum bem, majestade, me approxima...
E' a magnetica flor de um sonho mago,
Cujo perfume attrae, seduz, domina;
E' a nova luz do empireo em que divago,
Tonto da luz que trago na retina...
Nessa perola indiana é que eu, de rojo,
Beijo o emblema do coração eleito,
E beijo o seu aurilavrado estojo,
Que symbolisa o vosso nobre peito.

KLEOPATRA

Bravissimo! Senhor...
Cesar dizia
Que possuis a destreza, a valentia
De combatente audaz... Que sois guerreiro
De nome illustre sabe o Egypto inteiro;
Mas, nunca soube que a arte mais selecta
Fizesse do guerreiro ardente poeta.

M. ANTONIO

Majestade, quem poeta não seria,
Tendo aos olhos a imagem da poesia?

KLEOPATRA

Galanteador, pelo requinte raro,
Sois da arte de encantar o fino obreiro...
E no verbo que attrae, como um sol claro,
Provaes que sois romano e cavalheiro...

Kleopatra, pela janella fronteira, aberta á luz do oriente, lança o olhar sobre um trecho do Cydno que se avista ao longe.

Consul, o sol abrange o espaço em fora,
Galga o zenith; e, regio aquarelista,
De pinceladas de ouro o Cydno cora;
Forçoso é-me voltar...
Até outra vista...

M. ANTONIO

Rainha, até outra vista...
Como é curta
A ventura que passa e deixa ao rastro
O perfume que exhala a flor da murta,
E a claridade rutila de um astro...

KLEOPATRA

Muitas vezes da ephemera ventura
— Aroma que nos foge — luz alada,
Nasce o bem que na vida se procura
Para a felicidade ambicionada...
Consul, adeus; eu vou partir...

M. ANTONIO

Rainha,
Adeus... A' vossa majestade beijo
As mãos...
Adeus...

IV

Um sopro do alto vinha
Em ondas de calor, o seu bafejo
Ao Cydno estendendo... Do infinito,
Flammas a desdobrar no pallio de cryolitho,
O sol broslava o rio em lascas de ouro;

E ao balouço do fluido estendedouro,
Remos a flor das aguas, panda a vela,
Como um purpureo ganso de aquarela
Que despertasse aos poucos de um lethargo,
A galera real se fez ao largo.

IV

ANSIA DE MARCUS ANTONIUS

Reina a guerra civil, e Roma estoura
De raiva contra o atroz assassinato
De Cesar. Numa furia vingadora,
Transparece a ambição do triumvirato.

Octavio almeja o imperio e á intriga explora,
O anseio do poder a Antonio aviva...
Rivaes, o mal que os fere, de hora em hora,
Não dissimula a causa que o motiva...

Triumviro, general, e o mais valente
Guerreiro, proclamado entre os soldados,
Marco Antonio aventura-se no Oriente,
Em conquistas e prelios arriscados.

Eil-o na sua tenda, após a luta,
Tal como na batalha, o ouvido attento,
Emquanto, numa calma ininterrupta,
Dormem suas legiões no acampamento.

Peito arfando, liberto da couraça,
O porte herculeo como o dos guerreiros,
Preso de insomnia, a noite em claro passa,
E vê nos proprios olhos dois luzeiros.

Entre os trevos do azul aflora a lua,
Como um helianthо de ouro congelado,
De estilhas de ambar o luar debrua
Uma fita de saibro ao descampado.

Palpita a noite, em fremitos suaves,
E, pelo campo que o luar desvenda,
Ouvem-se ao longe, accentuados, graves,
Passos da sentinella em torno á tenda.

Antonio devaneia; a luz velada
De uma lampada esbate no aposento,
Nessa meia penumbra de pousada,
De onde lhe voa agora o pensamento.

Sóbe a su'alma aos paramos do sonho,
Como uma borboleta de azas de ouro,
Empós da flor de aspecto ideal, risonho,
Que a existencia lhe traz num fervedouro.

Dês que vira Kleopatra em Cilicia,
Redobram-se-lhe as lutas e os tormentos,
Alma e corpo votados á milicia,
Votados á mulher seus pensamentos.

Uma outra luz a vida lhe deslumbra,
E deslumbrado, tonto, de alma accesa,
Elle vê, toda em luz, nessa penumbra,
A imagem resplendente da belleza...

Oh! a belleza ideal e peregrina,
Belleza evocadora da suprema
Perfeição de esculptura que fascina,
Desde os traços da fronte á linha extrema,

Belleza de uma plastica perfeita
Que lembra o jaspeo corpo de Aphrodite,
A carne nova e rija que deleita
A alma, em sonhos de gosos, sem limite.

Insolita belleza tentadora!
Eil-a que o attrae e ante os seus olhos desce;
Olympica visão que á sua tenda doura,
Nessa noite de insomnia que o enlouquece.

— Magia surprehendente dos seus olhos,
Quer da illusão ascenda o paraiso
Ou da tormenta caia nos escolhos,
Kleopatra lhe surge de improviso...

Jamais outra mulher tão sua fôra;
Ella é um prenuncio a bafejar-lhe a sina;
E' do Levante a estrella promissora,
Que um mundo de illusões lhe descortina.

E' a terra toda verde da esperança,
Essa terra de pompas e riquezas
Que lhe accena de perto e a alma embalança
Na promessa de multiplas surpresas.

Kleopatra é da vida a regia prenda,
E' a delicia do Oriente de langores,
Que o ceo do paraiso lhe desvenda
Com os seus ninhos calidos de amores.

Antonio devaneia, aspira o goso;
Estua-lhe do sangue a onda purpurea,
E o seu corpo estremece, voluptuoso,
Tomado da serpente da luxuria.

Devora-lhe essa febre que o tortura,
Febre de amor que lhe redobra o anseio
De aplacar sua sede na ventura,
E a fronte adormecer no amado seio...

De um impeto se eleva, e espia attento
O campo que ao diluculo se aclara;
Respira, como quem renova o alento,
E para a longa marcha se prepara.

O orvalho cae, desfiando no loureiro
O seu rocal de contas luminosas;
Uma alveola citrina já o primeiro
Canto solta, num bosque de mimosas.

Negra leva de abutres corta os ares,
Assustada do pio que a arrepella,
Por entre o verde tracto dos palmares,
Corre o vulto veloz de uma gazella.

Bruscamente, retinem armaduras,
Capacetes e lanças, dardos, settas,
Que recordam as bellicas bravuras
Aos soldados de musculos de athletas.

A voz de "Marcha!" do commando parte,
E ajustado na rutila couraça,
A' frente das legiões, como um deus Marte,
Para as lutas da guerra Antonio passa.

V

OS FESTEJOS REAES

Alexandria toda em festa se engalana;
Estemmas e brasões entrelaçam-se de hera;
Aos estos musicaes, a multidão ufana,
Em delirio, proclama á realeza que impera.

Empavezadas naus, sob a luz meridiana,
Cortando a esteira ao mar, vêm de guarda á galera
Do triumviro de Roma; exulta a soberana,
E Alexandria em festa a Marco Antonio espera.

Eil-o que á terra chega! Applaude-o a voz plebea;
Marcha o regio cortejo; ancillas da Chaldea
Assopram flautas de ouro, e canta o aédo jonio.

E a caminho do paço, a soberana astuta,
Sonhando dominar o triumviro, tributa
Homenagens reaes em honra a Marco Antonio.

VI

O AMOR DE MARCUS ANTONIUS

Alma forte e viril, na investidura brava
Que impulsiona o guerreiro, afrontei sempre a luta;
E, no campo, aos tropeis da legião que avançava,
A vida, com denodo, expuz á morte bruta.

O fel que prova a dor, quando a arma se nos crava,
Corpo em sangue, a calcar o espinho á terra hirsuta,
Provei, mas, venci. Hoje... ai de mim que ardo em lava,
Ai de mim triumphador que o destino transmuta...

Contra uma estranha força, em vão eu luto e brado;
No combate do amor que me empolga a bravura,
Eu, guerreiro, me curvo ao capricho do fado.

E vencido do amor que por ti me tortura,
Kleopatra, eis-me emfim aos teus pés, subjugado
Pelo regio poder da tua formosura.

VII

NO PALACIO DOS LAGIDAS

Kleopatra, luculla ideal, entre a nobreza,
O banquete offerece ao triumviro, e perante
Os convivas, a um gesto airoso, estravagante,
Tira a perla valiosa, ao jaspeo collo presa,

E na taça a dissolve... Arde a resina accesa,
Na tripode incrustada a pedras de diamante;
De sob a luz, faisca a aurea baixella á mesa,
E ás iguarias rega o Chipre espumejante...

Aos choques, retinindo, as taças dos convivas
Levantam-se; e, ao tanger das citharas festivas,
Kleopatra, á expansão do seu nobre sentir,

Imprime á phrase o ardor, a intelligencia e a graça,
Num brinde a Marco Antonio, erguendo a regia taça,
Bebe, diluida ao vinho, a perola de Ophir.

VIII

FASCINAÇÃO

Ora, Roma atrevida que te chama,
Para attrahir-te, arranja um novo drama...
Roma só nos insulta... humilha-me e ousa
Offerecer-te Octavia por esposa...

Para Roma? partires tu, agora?
Tu que és minha esperança e a forte escora
Para as conquistas largas com que sonho
Engrandecer o Egypto?

Que enfadonho
Tornarás meu destino si te fores,
Esquecendo talvez nossos amores...
Não, Antonio; não partas, eu t'o peço.
Sê por nós e pensemos no progresso
Grandioso deste reino...

Alexandria,
Nosso eden de ventura e de alegria,
Onde haurimos o amor que nos alenta,
Alexandria ideal, terra opulenta,
Com seu thesouro solido e fecundo,

Bem pode ser a capital do mundo.
Urge, pois, iniciarmos as conquistas
Dessas terras que estão ás nossas vistas.
Reunamos ao poder do nosso Egypto
Maritimas nações, nas quaes cogito:
As do Mediterraneo, ponto oriente,
Como: a ilha de Chipre florescente,
As terras da Judéa e da Phenicia;
Uma parte da Arabia, a mais propicia
E commercial. Ah! essa Arabia ousada
Dos nabateus, conquiste-a pela espada
O teu braço; por ella, as caravanas
Pejadas de riqueza, vão-se ufanas,
Para os portos da India...
                                        Ah! que ansiedade,
Que sonho tentador ora me invade,
Pela conquista desses territorios,
Com que possamos, em triumphos floreos,
Augmentar e estender o bello Egypto...
Fosse dado ao rancor que mal sopito,
Arrancar, flagellando-a pela guerra,
A' Roma a prepotencia que me aterra!
Extorquir-lhe as colonias si eu podesse,
Na Grecia e na Asia, oh! que estupenda messe!
Como forte teriamos o Egypto...
Pelo plano de Cesar, já descripto,
Seria resolver facil problema
Para o inicio da nossa gloria extrema.
Não ha de ser eterna a hegemonia

Dessa Roma que o mundo repudia...
Si em seu favor alentas algum plano,
Crendo que imitas Cesar, oh! que engano!
Era o intento de Cesar bem diverso:
Reerguer Troia e fazel-a do universo
A metropole nova... Eu te asseguro
Que o Oriente será a gloria do futuro...

Lutemos em favor de Alexandria,
Cujo campo de acção se nos amplia;
Batamos logo essa Parthienia, instante
Em fechar-nos as portas do Levante...

E a India? e os seus reconditos paizes,
De ouro, seda e aromaticas raizes,
Que o Indus, ao seu dorso argenteo e o Ganges,
Brilhando como laminas de alfanges,
Vão conduzindo á Roma?

Acaso pensas
Na maravilha das regiões extensas,
Cujas entranhas silenciosas, vedras,
Cheias de aureos filões e ricas pedras
Jazem adormecidas?

Vês o Oriente
Rico, fascinador, vasto e potente?
Pois bem, ó Marco Antonio, antes que Roma
Pretenciosa, que o almeja e as terras toma,

Lhe estenda, egoista, as garras de rapina,
E estrategica, forje a nossa ruina,
Abatamos a sua hegemonia,
E na culta e formosa Alexandria
— Emporio aberto ás raças dos extremos,
Soberba, a capital do mundo alcemos.

A' civilisação egypcia a grega,
Numa harmonica união, aqui se achega...
Que terra prodigiosa assim prospera,
Com tal navegação? A sua esphera,
Com tres milhões só de homens é a colmeia
Da humana actividade, que semeia
O progresso fecundo.

Essas fronteiras
Do Egypto se abrem, francas e altaneiras,
Para o mundo, attestando o seu prodigio
De opulencia e esplendor, graça ao prestigio
Dos Ptolomeus...

No mundo que se esgota
Pelas guerras civis, numa derrota
Continua de cem annos, é somente
O Egypto, poderoso e independente,
Que conserva thesouros de riqueza,
Por seculos guardados.

Que surpresa
Maravilhosa ahi tens para levar-te
As tropas e o conforto em toda a parte...
Nossas expedições partam do Egypto,
Em teu braço a confiança deposito.
Eia! pois, Marco Antonio; eia! ás conquistas,
Lancemos para o mundo as nossas vistas...
Tu serás de Alexandre o victorioso
Successor, e serás o meu esposo;
Sejamos, do Levante até o Occidente,
Os reis do mundo, emfim, nós dois, somente.

IX

A PROCLAMAÇÃO DE KLEOPATRA

Vencedor de Artavasde, o triumviro festeja,
No palacio real, em pompa que o inebria,
A conquista da Armenia, a gloria da peleja
Que o sagra como rei, perante Alexandria.

Kleopatra, ao seu lado, emblema de ufania,
Faiscando, á intensa luz, tons de brasa e cereja,
De purpura, coroa e joias se atavia;
Abeira-se-lhe em torno a guarda que a corteja...

Da festa emocional vibra a nota fidalga;
E' que, ao solemnisar da guerra a gloria e a fama,
De sobre o throno de ouro a que triumphante galga,

Marco Antonio desprende o seu verbo inaudito,
E á Kleopatra, emfim, absoluto, proclama
Soberana real de Chipre, Africa e Egypto.

X

O AMOR DO FELLAH

Dês que acompanha o meu olhar tristonho
Tua liteira recamada de ibis,
Eu não sei o que sinto, ó flor do sonho,
Flor que a rara belleza ao mundo exhibes.

Não sei que sinto, ao ver-te como um astro,
Cujo brilho entontece e me deslumbra;
Sei que ás tontas eu erro no teu rastro,
E o pranto obscuro choro na penumbra.

Pranto de escravo nunca estanca, nunca;
Vem d'alma para a qual morre a esperança,
Flue nessa dor que o coração lhe trunca,
Pelo bem que deseja e não alcança.

Ai, sorte! por piedosa que te queira,
Mais me deprime a tua mão de ferro;
No jugo em que me tens a vida inteira,
Nem livre para a luz o olhar descerro.

Que martyrio maior ha sobre a terra
Que o do amor que me impõe tão dura pena?
Ai, do escravo infeliz que ás tontas erra,
Occultando a paixão que lhe condemna...

Amar á soberana o escravo rude!
Loucura? arrojo? o que é que me impulsiona?
Poeira vã que transcendes a amplitude,
Que vento assim te impelle á etherea zona?

Que me induz — verme, pó da terra bruta,
Que me leva a aspirar a luz da estrella,
Si ingloria reconheço esta labuta
Em que morro de anseios por vencel-a?

Podesse o coração chegar á bocca,
E tritural-o todo, aos mil pedaços,
E assim acalmaria esta alma louca,
Quebrando ao meu amor os ferreos laços.

Bem sei que me farás pagar o crime,
A insolencia de amar-te, estrella nobre;
Sei que o amor que te abate não redime
O escravo que nasceu abjecto e pobre...

Sei que és tu a Kleopatra divina
E eu o anonymo vil, de raça impura;
Tens o poder do throno que elimina,
E eu nem siquer mereço a sepultura.

Mas que importa o [illegible] si na morte castigo
Tu me darás a paz apetecida?
Morrerei, bemdizendo a mão que córte
A tortura maior da minha vida.

XI

A MORTE DO FELLAH

Tunica precintada a rubis de Golgonda,
Diadema de ouro á fronte, a rainha, serena,
Ao condemnado á morte, a execução ordena:
Seis viboras lethaes, em famelica ronda,

Atiram-se ao fellah; á peçonha que o aliena,
Olhos vitreos, esmurra ao corpo a mole hedionda;
O sangue á derme flue; um berro humano estronda,
A victima estrebucha e morre emfim na arena...

Marco Antonio pasmado, o olhar na amante fito,
Contempla o aspecto heril da nobre flor do Egypto...
E queda em seu coxim, qual idolo pagão,

Sem que o minimo horror da morte lhe atormente,
Kleopatra, sorrindo, agita airosamente
O seu leque real de pennas de pavão.

XII

O AMOR DA ANCILLA

Meu coração, senhor,
Qual vaso de Corintho,
Guarda as flores do amor
Que em chammas por ti sinto.

Quando este amor me afaga
No sonho em que me eleva,
Subo a cerulea plaga,
A alma limpa de treva.

Mas, se o ciume o tortura,
E a duvida o vergasta,
Minh'alma em noite escura
Para o inferno se arrasta.

Por entre arminho e cardo,
Sigo a minha vereda;
Ai! este amor em que ardo
Tem mais urzes que seda.

Tem trevas e luares,
Tem duvida e esperança,
Dês que vi teus olhares,
Minha vida embalança.

Dês que vi teu semblante
De varonil belleza,
Anseio a todo instante,
Ardo de sonhos presa.

Mas, ai, da escrava em chammas,
Que a vista eleva, accesa
Para tão alto, onde amas
Poderosa princeza...

Embora um mando brusco
Me prohiba de amar-te,
Marco Antonio, eu te busco
E sigo em toda a parte.

Nada ha que a sêde quebre,
Sêde com que pelejo,
Ao delirio da febre
De almejar o teu beijo.

O teu beijo de amante
Colhel-o em minha bocca,
Quem m'o dera, integrante,
A est'alma que treslouca.

Teu beijo, quem m'o dera,
Nem que fosse veneno
Ou morte á primavera
Do meu corpo moreno.

Podesses tu, senhor,
Matando o meu desejo,
Matar, com teu amor,
Minha vida, num beijo.

XIII

A MORTE DA ANCILLA

O vestigio de um beijo á face, patenteia
A bella joven grega; irritada de ciume,
Quer Kleopatra ver nas garras da moreia
O rosto da rival, e ordena o algoz que a arrume

Na piscina, onde afflue o esfaimado cardume...
Os pés e as mãos da grega o algoz sinistro peia,
E a joga, o corpo nú, para o acerado gume...
Anguilliforme peixe espicaça-lhe a veia;

Ella grita e se estorce... ao corpo se lhe aggrega
O cardume, desmaia... um dente roaz, em lança,
Perfura-lhe a pupilla; e, gemebunda e cega,

Aos poucos escarnada, a joven morre exangue;
E Kleopatra, a rir, gloriosa de vingança,
Satisfeita, contempla a agua tinta de sangue.

XIV

O AMOR DE DEJANIRA

Sina ingrata a da escrava...
Ser joven, ser formosa,
Calcar no peito a lava
Da paixão amorosa,

Trazer o amor occulto
Como se fosse um crime,
E não lograr o indulto
Da mulher que me opprime...

Que importa que a rainha
Me condemne hoje á morte,
Si esta paixão se aninha
No coração, mais forte?

O' Marco Antonio, eu te amo,
Ansiosa de ventura;
Ligeira como um gamo,
Minh'alma te procura.

Sou a pobre captiva,
Mas, livre é o amor que alento,
Por elle, em chamma viva,
Supporto o meu tormento.

Eu te amo, e ás tontas vago
Pelo sitio deserto,
Buscando o teu afago,
Crendo-me de ti perto.

Ai, como é triste a vida
De quem o amor não gosa,
Quando o goso convida
A existencia formosa...

Primavera só de urzes,
Sejas tu como fores,
Não floresces nem luzes
A esta vida de dores.

Si tua escrava eu fosse,
Só por ti fosse amada,
Viver seria doce
A vida desejada.

Mas, a ferrea barreira
Que o meu amor arrosta,
Me opprime a vida inteira
Ao meu desejo imposta.

Condemnada da sorte,
Eu te amo, choro e luto,
Certa de que na morte
Vou pagar meu tributo...

Ai! fosses tamareira
A velar-me a jazida,
Ouvindo a derradeira
Paixão de minha vida...

XV

A MORTE DE DEJANIRA

Ao comburente sol que as settas de ouro crava
E do Nilo esbrasea as aguas de saphira,
Kleopatra, na riba, em attitude brava,
Ao algoz que a acompanha um desejo transpira...

Presa á gollilha, rente á margem, Dejanira,
A' ordem soberana, a morte espera... E á escrava,
A um regio acceno, o algoz dentre as aguas atira...
Um só grito de dor se escuta; é que lhe encrava

A serra um crocodilo; um outro a arrasta, a mole
Amphibia se lhe achega; e aos pedaços a engole...
E á scena que a deleita olhando, attentamente,

Kleopatra, no rio ondeante a rubro claro,
Sorri-se e molha o artelho adornado de um raro
Periscelio embutido a perolas do Oriente.

XVI

APÓS O FESTIM

Pouco a pouco, esmorece o delirio na sala;
Sob arcos de festões morre a luz de aurea esteira...
De humana exsudação um forte odor trescala,
E o ambiente corrompido a vinho e a nardo cheira.

O resto do festim no mosaico resvala...
Taças gregas, rocaes e veos de bailadeira,
Diademas da nobreza e tunicas de gala
Rolaram na expansão da orgia derradeira...

Aos accordes finaes das musicas lascivas,
Quedou-se de cansaço, a erotica loucura;
No somno da embriaguez, aquietam-se os convivas.

Silencio em tudo agora; e noite alta, erradia,
Atrio a dentro, espalhando o luar que fulgura,
Somente a lua vela os destroços da orgia.

XVII

PESADELO DE MARCUS ANTONIUS

Na quietude da noite, emquanto o Egypto dorme
E o flammio do luar vela o ceo do Levante,
Tomado de embriaguez, lá na tenda, offegante,
Marco Antonio adormece; afflige-o a angustia enorme

E a treva do pezar adumbra-lhe o semblante.
No sonho mau que o agita, uma sombra disforme
Aos seus olhos avulta, abrange-lhe o uniforme
E o arrasta sob a luz da lampada oscillante.

Crispa-se-lhe o cabello, ao terror que o trespassa;
Mas, os membros de athleta o animo aligeira,
Retoma a farda á sombra, arranca-lhe a couraça,

Luta; a sombra decresce esvae-se, á luz tristonha;
E a ouvir a voz de Roma, exhausto de canceira,
De novo, Marco Antonio atormentado sonha.

XVIII

A VOZ DE ROMA

Sob o patrio docel que se engalana
De cerula turqueza e filigrana,
Estende o teu olhar e commensura,
Desde as sete colinas á planura
Desses campos verdeaes, toda a grandeza
Da terra de mais bella e rica natureza...
Nesse tracto de mago paraiso,
Que aos teus olhos assoma de improviso,
Olha o teu berço, sobre o qual, ingrato,
O ceo de Roma, de mais lindo ornato
Seu pallio abriu; a aragem cariciosa
Embalançou teu berço cor de rosa,
E as flores, das frondes ás silveiras,
Urnas de aroma abrindo, feiticeiras,
Cercavam-te esse berço, qual se a um throno
Dessem o aroma, a gala, o brilho e o entono.

Feliz tu que os teus olhos deslumbrados
Abriste á claridade destes lados,
Ebrio do puro azul da plaga morna,
Que a silente alegria á terra entorna...

Feliz tu que o teu passo adolescente,
Luzes de cima e flores pela frente,
Deste ao solo natal, quando a alegria,
Como um veio do bem a terra enchia,
E mãos dadas á paz, ambas libertas,

Roçavam á terra as azas entreabertas...
Filho ingrato, do berço teu de outr'ora,
Volve os olhares para a Patria agora:
Ao ceo azul toldou tamanha sombra
Que o recinto terrestre todo ensombra;
Parece o luto do alto extenso á terra,
~~Que a propria mãe sangrenta enchem de dores...~~
A floração dos prados pende, langue,
E fenece, alagada pelo sangue.
E' que a Italia derrama o pranto, afflicta,
Presa á guerra que a abate e infelicita;
São elles, teus irmãos, os lutadores,
Que a propria mãe sangrenta encheu de dores...

Vê que desigualdade e que injustiça:
O forte manda e quer, pode e cobiça;
Pela sua ambição desenfreada,
Escravisa, subjuga e vence, á espada;
Aos fracos e vencidos espolia,
Deixando-lhes por leito a terra fria,
E como tecto o ceo...

Em parte alguma,
Fratricidio que a odio assim reçuma,
Já viste, ó Marco Antonio?
O aristocrata
Nas delicias da vida se arrebata,
Banquetea-se e mofa, exulta e gosa,
A exhibir-se na orgia escandalosa;

E alli, pela Suburra, onde a tormenta
De dores e ais as vidas apocrenta,
Cadaverica a face, olhos no fundo,
Corroido de lepra o corpo immundo,
A indigencia tirita em trapos, bamba,
E extenuada de fome, ao chão descamba,
Ou das baiucas luridas, infectas,
Vae rolando essa mole de patetas,
Nos olhos o pavor que a transfigura,
Vae rolando, na ultima tremura,
Aos arrancos da enchente, tão nefasta
Como a carga feral que o Tibre arrasta...

Filho ingrato, contempla essa desgraça
Com que humilhas a tua propria raça...

Sedento do poder, de fausto e gloria,
Maculaste de Cesar a memoria,
Provocando uma guerra fratricida,
Que á Italia traz em luto a alma ferida.

Ha tanto que de Cesar o assassino,
Forçado á guerra, expiou seu desatino...
Cassius emfim é morto como Brutus,
E, ó vingador de Cesar, os injustos
Massacres não têm fim, a tyrannia,
Espada em punho, os homens espolia;
Cesar que foi de Roma a aguia mais brava,
Cesar — o heroe das Gallias, perdoava,
Poupando a dor e o sangue dos romanos;

E, oh! contraste dos impetos humanos!
Perante o altar do heroe do Capitolio,
Após a proscripção e o saque ao espolio,
Octavio, numa furia de vindicta,
Trezentos senadores decapita...
O poder que assumiste, ai! quanto custa,
Pelo sangue que espalha a guerra injusta,
E que attesta a barbarie dos insanos,
Manchando, eterno, o solo dos romanos...

E tu, alheio a tantas dores, tantas,
Nem ao menos o olhar de dó levantas
Para a Patria sangrenta, e nem os brados
Ouves, de longe, aos pobres desterrados.
Com teus prodigos gestos de insensato,
Prejudicaste a Italia e o triumvirato;
Estados da Asia, desmembrando o Oriente,
Tu os deste a Kleopatra insolente,
E repudiaste a Octavia — a esposa honesta,
Provando que és trahidor de acção funesta.

Esquivo do dever o amor somente,
Maculando-te a honra, pelo Oriente,
Ao goso te convida; e, deslembrado
De que foste o belligero soldado,
O servidor de Cesar — o mais bravo,
Esqueces de ti proprio e dos romanos...
Mas Octavius — o tigre entre os tyrannos,
Que só te inveja a bellica bravura,
Conspira contra ti... Alma perjura,

Tece a intriga, alastrando-a, num mysterio,
Qual covarde, sequioso pelo imperio.

A' Kleopatra estende a garra adunca,
Mais cúpido e invejoso do que nunca,
E a aspirar-te a derrota que planeja,
Instiga Roma ás armas e á peleja...
E contra o Egypto emfim, legiões em volta,
Roma ahi vae levando-te a revolta.

XIX

O AMOR DE OCTAVIA

Foi-se-me o encanto da vida,
Promissora e bella outr'ora;
Na minha senda florida,
Tu passaste, ave canora.

Quantas vezes eu, ouvindo
Tuas juras amorosas,
Entrevi, num sonho lindo,
O meu porvir de ouro e rosas.

Quantas vezes, enflorada,
A mais bella phantasia,
Com seu sorriso de fada,
Ao meu destino sorria...

Ditosa era então a vida
Para nós ambos, risonhos;
Nenhuma emoção dorida
Eu sentia nos meus sonhos.

A prevermos o futuro,
Que ao amor se manifesta,
Abrias-me o eden mais puro
Ao sonho de esposa honesta.

E eu te votava, confiante,
Meu amor que não illude,
Tão firme como um diamante,
Tão casto como a virtude...

Mas, um dia, oh! que tormenta,
Ao seu capricho, perjura,
A sorte varia e violenta
Arrebatou-me a ventura.

Cahiu de chofre o castello
Desse ideal com que sonhara,
E roubou-te ao meu desvelo
Uma egypcia nobre e avara.

Ai! que triste é a vida, agora...
Illudil-a eu já não tento;
Punge-me o mal que a devora,
Condemnada ao esquecimento.

Só, dentro da noite d'alma,
Em torno deste abandono,
Negra saudade a aza espalma,
E rouba-me a paz e o somno.

Não te culpo, esposo amado,
Pelo mal que me tortura;
Que culpa tens tu do fado
Que só me nega a ventura?

Do coração os arcanos
Quem penetra? quem os sonda?
Quem os impetos insanos
Soffrea ao mar, de onda em onda?

Para o mortal não ha fuga
Da extranha força que o impelle;
E si o destino o subjuga,
Curva-se, victima imbelle.

Si para outro amor a sorte
Quizer que eleves teu vôo,
Custando-me embora a morte,
Marco Antonio, eu te perdoo.

XX

PRESAGIO DE KLEOPATRA

Que noite triste, algente e escura....
Nuvens de treva em bandos vêm,
Crepe que sobe pela altura,
Por sobre a terra cae tambem.
O vento as frondes arrepela,
Folhas no ar voando vão...
Lá fóra, ronda a sentinella;
Porque te assustas, coração?
Treme o fuzil, no ar fulgura;
Crebo, o trovão reboa alem;
Range o solar, todo em tremura;
Cheia de angustia, treme alguem;
Bate o granizo na janella,
Como o tropel de uma legião...
Rente o palacio, a guarda vela;
Que é que temes, coração?

Da noite negra essa loucura,
Presa de medo, a alma retem,
Qual genio máu, que atroz conjura
Contra o palacio e contra o bem,

O vento o teto desmantela,
Zurze, cruel e resmungão...
Lá fóra, a guarda te acautela;
Porque te affliges, coração?

Desse penar que te tortura,
Buscas livrar-te, em vão, em vão...
Tens em ti mesmo a noite escura;
A paz não logras, coração.

XXI

A FROTA DE ROMA

Chlamides ostentando e tunicas luxuosas,
No palacio se agrupa a excelsa fidalguia;
Ao som de harpas e adufe, ao centro rodopia
A dansarina ideal, sob a arcada de rosas.

Trescala a myrrha; a luz pelos crystaes radia;
Diaphana trama ao corpo — astro entre nebulosas —
A ouvir de Marco Antonio as phrases amorosas,
Kleopatra acostada ao divan, se extasia...

De subito, um rumor clarisono se escuta,
E a rainha apontando o mar — panthera brava,
Como que a ver a frota adversa, resoluta,

De um gesto de rancor e de altivez se toma,
E exclama: Nunca, nunca, aprisionada e escrava,
Ao teu carro triumphal me arrastarás, ó Roma!"

XXII

AO MAR!

Da legião de Marcus Antonius a Kleopatra.

Por teu capricho, ao mar, insensata senhora,
Ao mar, segue a lutar a armada, incontinenti;
Tenha pesadas náus a tua frota embora,
Insistes em vencer de Roma a esquadra ingente...

Teu bravo general tanta coragem sente,
Que a propria vida emfim por teu amor penhora;
Ao mar, eil-o que vae desafrontar o Oriente,
Para o combate, ao mar, eis tua esquadra agora...

Ai, senhora! reflecte e vê que a tua frota,
Que lembra no seu peso as moles de granito,
Inutilmente o esforço a Marco Antonio esgota...

Roubando á luta em terra o general perito,
Tu cavas para o Oriente uma fatal derrota,
E vaes ceder á Roma a posse sobre o Egypto.

XXIII

EM TERRA!

De Canidius, capitão romano, a Marcus Antonius.

Tomemos posição. A Macedonia é plana
Como a Thracia o é tambem. Numa e noutra baixada,
O' general, verás a legião veterana
Distender na batalha a força redobrada...

A luta em terra firme aos homens não engana...
Aos phenicios entrega essa frota pesada,
Aos egypcios a trave, a nós a espada ufana...
O mar é um grande abysmo e o abysmo é uma cilada...

Em terra! ó Marco Antonio! escuta a voz amiga:
Deixa o trambolho ao mar que nelle te esbarrondas;
E' em terra que ás legiões tua espada fustiga,

E tu a vida ou a morte em terra firme sondas;
Entrega a outro commando essas traves de viga;
Não te fies jamais no lenho solto ás ondas.

XXIV

CESAR OCTAVIUS

UT FACTA TRAHUNT

Favorito da sorte, és felis, tens Mecenas,
Teu amigo e auxiliar de caracter altruista,
A domar-te o rancor, quando á morte condemnas,
Tens Agrippa que a gloria ao teu nome conquista.

Temeroso dá luta e poupado das penas,
Que importa que no mundo a desgraça persista,
Que te occultes emfim das belligeras scenas
Si entre os heroes terás teu nome na aurea lista?

Agrippa afronta a morte, e deitas na galera;
Ganhas Dalmacia; e nessa attitude irrisoria,
Para a batalha do Accio, outro premio te espera.

Sem teres dom marcial, por seu capricho injusto,
O destino vae dar-te immerecida gloria,
E tu serás de Roma o imperador Augusto!

XXV

A GUERRA

As naus de aplustre á pôpa e de acrostolio á proa,
As insignias de Roma ostentando á dianteira,
De sob o ardente sol que as vergas lhes coroa,
Vibram, rumo da Grecia, a trombeta guerreira.

No golpho de Ambracia a esquadra egypcia aprôa;
Trava-se a luta: a setta aos ares se aligeira;
Lanças cruzam; estronda uma náu que abalroa;
Outra, dardada, afunda e agita a salsa esteira...

Em arrancos marciaes, pela patria liberta,
O africano o valor do peito heroico esperta,
E Marco o braço expõe de belligero forte...

Recresce o esforço, augmenta a luta; um brado a accusa;
Rolam corpos; e, emquanto impreca a mole abstrusa,
Longe, Octavio se poupa ao furor de Mavorte.

XXVI

A FUGA

Um sinistro lençol, tinto de sangue, ondula
Revolto o mar; de sobre a fluctuante mortalha,
Tenta a frota do Egypto apressar a escapula...
O compacto destroço á esteira rubra entralha,

A' proporção que augmenta a espantosa batalha.
O arremesso cerrado em flechas no ar circula,
Criva mastros, velame, inimigos retalha,
E a tanta audaz braveza a resistencia é nulla...

Por entre a confusão de settas, dardo e lança,
Marco Antonio infelis á regia amante alcança,
E insiste defendel-a, impavido qual doge.

Mas, do combate atroz que a derrota e desdoura,
Kleopatra, temendo a esquadra vencedora,
Para o Peloponeso, a toda a pressa, foge.

XXVII

FATALIDADE

Marcus Antonius fugitivo erra duran- te trez dias sem saber de Kleopatra.

Que sombra tormentosa os passos me acompanha,
Como um corvo sinistro, aflando as negras azas?
Si ao corpo trago a dor, numa angustia tamanha,
Porque, tragica sombra, a minh'alma atenazas?

Si do infortunio á morte, eu, na vereda estranha,
Abandonado, vou, calcando espinho e brasas,
Porque hei de, em sangue os pés, submisso a tua sanha,
Teu golpe inda afrontar e ás investidas rasas?

Bem sei que a tua mão que opprime ferrea e ignota,
Sombra, mais do que a dor, que morre num gemido,
Ha de premer minh'alma em toda a sua rota.

Assassina cruel da gloria e da verdade,
Do vencedor que fui, fizeste-me um vencido,
Porque, ó sombra atroz, és a fatalidade.

XXVIII

DESILLUSÃO DE OCTAVIA

Ai, d'alma que tanto soffre,
E de pranto se consome,
Pranto que vasa de um cofre
Em que se occulta o seu nome...

Coração, és cofre enorme,
E mesmo assim não comportas
As maguas de quem não dorme,
Nem siquer ás horas mortas...

Teia de ouro onde é que paras?
Teia em que os sonhos de moça
Teci de illusões mais caras,
Que mão cruel te balouça?

Que mão negra dilacera
Do meu amor a ventura,
E, tyranna, a primavera
Da existencia me tortura?

Que sina ingrata e traiçoeira
Dos braços me arranca o esposo,
E me impõe, á vida inteira,
Este pranto sem repouso?

Quantas vigilias me custas,
Nestes anseios e penas,
A quantas provas injustas,
Tu, coração, me condemnas...

Do teu fundo, pela face
Rolam lagrimas a fio,
Como de um leito, fugace,
Vae rolando a agua do rio...

Só tu me roubas o encanto
Da vida e a cercas de abrolhos,
Estas correntes de pranto
Rasgando pelos meus olhos.

Ai, de quem amando, embora
Reconheça o seu máu fado,
Cheia de saudades, chora
O seu amor despresado.

Sem lograr o peito enxuto
Nem calma á dor que o tortura,
Coração, pago o tributo
Dos que morrem sem ventura.

XXIX

NA TORRE DE TIMON

De Marcus Antonius á Kleopatra

Na Torre de Timon, que longos dias,
Sem ouvir tua voz que me conforte,
Louco, arrasto, Kleopatra que esfrias
O teu amor, perante a minha sorte...

Desespera-me o assiduo soffrimento,
E a ironia do fado mais me abate,
Sob a enorme desgraça em que lamento
A perda do teu throno e um máu combate...

Ao capricho real, pesada frota
Apontaste-me ao mar... Cumpri teu mando,
Prevendo, contrafeito, uma derrota
Pelas naus de habilissimo commando.

A's naus de Roma, leves á manobra,
Não devera enfrentar, tão diminuta
E pesada, uma frota que redobra
As mil difficuldades para a luta.

Ainda assim, a afrontar tanto perigo,
Na luta desegual fui um valente,
Embora sem lograr sobre o inimigo
A victoria que coube á armada ingente.

Andasse a pelejar no solo do Accio,
Ao começo da luta; fosse em terra,
Verias esmagado, qual batracio,
O covarde, incapaz de agir na guerra.

Octavius, o traidor que foge á luta,
Ah! nunca foi, espirito rasteiro,
O soldado que, á frente, só disputa
Conquistas pelo braço de guerreiro.

Desdoura-me o dizer-se meu collega
O rotulado triumviro de Roma,
Que nunca pelejou numa refrega,
Nem honra o Capitolio em que ora assoma.

Graças aos bons augurios do jumento,
Vencedor, e seu dono, *Boaventura,*
O *heroe guerreiro,* isento do perigo,
Não succumbiu de medo e de tremura...

Bafejou-lhe, bem sei, propicia a sorte
Que só protege os nullos e felizes...
Ai, tremenda injustiça!... que a supporte
Quem combateu reabrindo cicatrizes...

Não houve no Accio luta nem derrota,
E sim, pelo revez facilitada,
De sob a boa estrella de um idiota,
Apenas uma abdicação; mais nada...

Eu, lutador heroico e destemido,
Eu que tantos tropheus obtive outr'ora,
Na historia passarei como vencido
Por quem de falsa gloria se decora...

E com isto, oh! que raiva me trucida,
Esta minha desgraça, num mysterio,
Vae levantar degraus de alta subida
Do mais futil romano para o Imperio!

Dia a dia, Kleopatra, a lembrança
Desse infortunio me lacera tanto,
Qual se no peito em fogo ervada lança
Varasse o coração, que sangra em pranto.

Vê que sinto e deploro, como attento
Amigo e servidor, como guerreiro,
O fracasso do Egypto e o soffrimento
Que te aguilhôa o espirito altaneiro.

Entre o astuto traidor, vindo de Roma,
E a soberana que regeu o Egypto,
Vê que a minha lealdade inteira assoma
Em teu favor, de novo t'o repito.

Só a ti se fez guerra declarada,
E fosse um homem vil, com autoria,
A' frente das legiões de minha alçada,
Unido ao *grande heroe,* eu te trairia.

Companheiro leal, sempre ao teu lado,
Fiel me conservei e vigilante;
Por teu amor vivendo acorrentado,
A minha patria e os meus deixei distante.

Consul de Roma e cidadão romano,
Descurei do dever, como um esquivo;
Sacrificada a honra, oh! crime insano,
Abandonei á esposa, sem motivo.

Ando louco, a provar tanta dsegraça,
Que não encontrará consolo nunca,
Uma dor pelos membros me trespassa,
E despiedosa, os paralysa e trunca.

Porém, a maior dor, a que me mata
E esmaga o peito, como ferrea tranca,
Vem da tua frieza de alma ingrata,
Que aos meus olhos as lagrimas arranca.

Não supporto tamanha desventura
De perder o teu amor, hoje esquecido;
E para terminar minha tortura,
Kleopatra, verás que eu me suicido.

XXX

A MORTE DE MARCUS ANTONIUS

Sonha o triumviro, a ver seu passado fulgente,
Quando a espada em favor de Cesar levantara...
Vêm-lhe ao encontro, saudando, as rainhas do Oriente,
E de Ephesos, cordial, toda a nobreza rara

Acata o heroe romano... Arde-lhe em febre a mente;
De subito, a um tremor, o sonho se evolara...
O olhar sinistro em fogo, ao peito a dor premente,
Suas legiões contempla em poder da hoste avara,

E a frota egypcia vê, unida ás naus de Augusto...
Num lance extremo, toma a espada; e, heroe vetusto,
Humilhado de afronta e semi-louco de ira,

A' frente se transpõe da amante, ex-soberana;
E, cravando no peito a marcial dorindana,
Aos seus eburneos pés, o leão vencido expira.

XXXI

O ADEUS DE KLEOPATRA

Egypto do meu berço, amado Egypto,
Abre a concha do azul em chamma accesa,
Distende as ondas de ouro do infinito,
Pompea ao meu olhar tua belleza.

Quero ver, no meu dia derradeiro,
A celagem polida como espelho,
E, todo em gloria, o sol, do seu roteiro,
As flammas reflectir no Mar Vermelho.

Desdobre-se do espaço a tela de ouro,
Numa gaze translucida resplenda;
Do infindo azul ao terreo estendedouro
Caia a luz, como olympica offerenda.

E desse ouro do ceo se borde o Nilo,
Em tremulinas fulja, ondule e cante,
E o seu canto timbrado, de aureo estylo,
Seja um hymno de gloria ao ceo brilhante.

Envolta na apotheose de ouro vivo,
Desde o espaço que acceso ora fulgura,
Exulte a terra, exulte no expressivo
Canto de amor que voe para a altura.

E no esplendor da luz, perpetuo, encerra,
Solemnemente em ti vibrando, ó Egypto,
Meu sonho de rainha sobre a terra;
Guarda em teu coração meu nome escripto.

Egypto! Egypto! que eu quizera grande...
Terra adoravel do meu berço lindo,
A dor com que te perco o seio a expande
No pranto que em teu solo vae caindo...

Só a ti eu amei; tua defesa
Dependeu de difarces e de agrado;
Custaste o sacrificio da belleza,
Todo o ideal de mulher sacrificado...

Para livrar-te o sceptro da conquista
De Roma que eu odeio e não tolero,
Desempenhei, sagaz como uma artista,
As apparencias de um amor sincero.

Fale meu patrio esforço ao mundo inteiro,
Pela voz que ennobreça a tua historia;
Perdure do passado o teu luzeiro,
Manes dos Ptolomeus velem-te a gloria.

E adeus, Egypto! adeus!... Por ti somente,
Minh'alma pelo ethereo elevadouro,
Vae transfundir-se em luz, gloriosamente;
Vae, na luz desfazer-se em poeira de ouro.

XXXII

A MORTE DE KLEOPATRA

Dos Lagidas decae a ultima dynastia,
E á rainha desvaira, ao termo da refrega,
O inimigo que audaz do Oriente se apropria...
Vendo a queda real que a desthrona e relega,

E o tropel das legiões dentro de Alexandria,
Num gesto de rancor, transfigurada e cega,
Kleopatra o seu throno ao vencedor envia,
Sceptro e chave do Egypto, implacavel entrega.

Mas, ao perder o solio, o mesmo orgulho toma;
Firme, exclama: Jamais me arrastarás, ó Roma,
Aos teus tropheos, embora o liame á vida córte!

E o mausoleo buscando, ao manto nobre enleada,
Kleopatra em seu peito a lethal agulhada
De um aspide provoca e inclina a fronte á morte.

Apreciações sobre o "HEPTACORDIO,,

IBRANTINA CARDONA

Heptacordio, versos, 1922

Lapidares e epopeicos, os seus rhythmos lembram o rodar majestatico dos plaustros romanos, o cantico homerico dos vencedores dos jogos olympicos, o grito dos vencedores nas marathonas. Todo o mundo hellenico, pullulante dos monstros e semi-deuses, daquelles athletas pindaricos de torsos modelares, coragem leonina, surge evocado pelas notas ardentes do **Heptacordio**, vibrado pelo estro nervoso da poetisa.

Foi com alegria que vi surgir para a gloria das competições literarias o nome da poetisa patricia. Com o seu silencio longo, parecia ter Ibrantina Cardona repousado definitivamente sua lyra sobre os louros colhidos nos seus anteriores triumphos. Não era sem o conforto de applausos merecidos que assim se teria recolhido ella ao seu somno solitario. Mas os verdadeiros artistas não produzem a belleza pelo simples prazer de provocar ovações. Fazem-no pela volupia intima de crear: de dar aos mortaes uma parcella confortadora de ideal erradio que corusca, como um raio de sól no fulgor de cada verso.

E como as letras paulistas tinham, pela morte de Francisca Julia, deixado um vazio, alguem necessitava encher esse vacuo, reerguendo, do lucto em que jazia, a lyra da poetisa extincta, para fazel-a vibrar de novo na gloria dos rythmos epopeicos. Essa funcção exerce-a agora Ibrantina Cardona. O seu **Heptacordio** é sua credencial junto ao Parnaso. Sagra-a, incontestavelmente, como uma das grandes artistas patricias.

Menotti Del Picchia.

"HEPTACORDIO"

(Versos de Ibrantina Cardona)

A lyra dos gregos, afinada em sete maviosas cordas, — heptacordio, — reviveu no venábulo emocional dos versos de Ibrantina Cardona.

Não sei de rimas que me hajam tocado com tanto fulgor, como essas da encantadora poetisa patricia.

E devo dizer com fraqueza e franqueza que os meus sentidos estheticos não são faceis de emoção. Ou porque a minha organisação literaria penda mais para o fiel da combatividade e da caricatura escripta, ou porque haja na minha sensibilidade qualquer cousa de impassivel, domada pelo realismo dos quarenta annos, o que é facto é que os meus estremeções de arte são authenticos e profundos, sem "ficelles" e sem decorações convencionaes. O "Heptacordio" vibrou o humorista, fel-o meditar em bellezas novas, desviou-o do benedictismo da historia e o forçou a levantar os olhos para esse ceu deslumbrante d'astros, que outro nome não tem os sonetos phidiescos de Ibrantina. E depois, aquelle apuro de estylo, aquella aristocracia innata de concepção, o sangue azul da phrase, a sumptuaria heraldica da rima, o lampejo, o som, a cor, a vitalidade e o "brio", a bravura escorreita e o porte majestoso da idéa, tudo isso, deu-me a impressão de estar revendo e ouvindo a ressurreição do heptacordio grego... Ibrantina como que não escreve os seus versos; plasma-os num relevo de alta linhagem esculptorica.

O seu livro é um certamen de estatuaria de um só cinzelador; é um golpe de arte illuminado por um sol com todas as suas tonalidades emotivas, desde os raios de crystal das alvoradas, ás settas de fogo do meio dia, apagando-se na dolencia scismadora das tardes de opala, e nas agonias das tintas crepusculares, é uma vida solar, com todas as cambiantes de luz bizarra e todas as nuanças da maravilha criadora:

Vejamos este raro berylo:

Pyramides

Insuladas, no areal, pristinas como a exedra,
As pyramides, sob o tempo que perpassa,
Varam ainda o ceo, numa ascenção de pedra,
Quaes symbolos do arrojo e força de uma raça.

Por seculos, na voz a gloria que as enlaça,
Fallam ás gerações... E o velho Egypto medra
Pela mão que as ergueu da mole impervia e crassa,
E as fez marcos triumphaes da dynastia vedra.

A evocal-as, transposta á historia que me apresa,
Contemplo os Pharaós, de remota nobreza,
Resurgirem do Além, pelas cryptas marmoreas...

Solemnes e marciaes, divagam sobre a terra,
E Isis que os segue, a voz olympica descerra.
E do Egypto abençoa as sempiternas glorias.

O golpe descriptivo é integral, vasado numa poderosa synthese, deslumbrando o recanto fidalgo da rima, e resaltando a verdade luminosa da visão. Parece que a insigne artista ao compor os seus versos, tem a maravilhosa transfiguração de se transportar ao ambiente, no magnifico ruflo de azas de uma inspiração toda constellada.

E dizer-se que o parnasianismo é uma escola fria!

Quanta eloquencia nos versos de Ibrantina Cardona! E são parnasianos. Mas é que o poder emotivo da alcandorada poetisa, imprime uma estranha vitalidade concepcional nos seus bellos sonetos, que ao recital-os, o verso se humanisa e brilha no jorro irisado de uma palpitação de fogo...

"Rumo de Colchida; e Argo o equoreo estendedouro,
De sob a luz, rompendo, os Argonautas leva
Para a conquista audaz do Vellocino de ouro."

Eu penso livremente, que Ibrantina é das maiores fulgurações poeticas do nosso tempo.

(Da **Folha da Noite**, de S. Paulo).

LELLIS VIEIRA.

⊞

IBRANTINA CARDONA

"Par delá l'heure humaine et le temps infini, mon coeur est embaumé d'une odeur immortelle..."

Tambem minh'alma se sentiu envolta por aquelle perfume de immortalidade, Leconte amado, ao percorrer, pagina a pagina, estrophe a estrophe, o vigoroso livro da tua discipula querida.

O **"Heptacordio"** de Ibrantina, clangor de trompa ar-

gente de um Siegfried invisivel, fez ruir por terra os pretenciosos Nibelungen de certa desorientada esthetica, que, á falta de um ideal em arte, pelo qual se imponha ao cerebro dos homens, se contenta com interpretar amores de rapazelhos effeminados.

Surgiu como uma nota vibrante no desconcerto a que querem reduzir a poesia eterna os pequenos versejadores do momento actual.

Surgiu como um synthetico monumento de linhas rigidas, ao sabor da escola parnasiana, a que, aliás, não pertenço mas a cuja sinceridade rendo o meu culto.

Surgiu como um protesto, tambem, á desorientação momentanea de alguns espiritos e em prol da fórma augusta, da fórma perfeita, da fórma eterna.

Não foi essa, cremos, a intenção da victoriosa cantora do "Heptacordio", mas se um monumento pode a velha escola parnasiana apresentar actualmente, contra o desmantelo artistico do momento, ahi está elle inteiriço nos poemas de Ibrantina: a emoção dentro da fórma pura, sem os exaggeros da expressão pomposa.

Educada na leitura e no convivio dos grandes mestres francezes que precederam á revolução symbolista e decadente, vasou a poetisa illustre a sua alma vigorosa dentro das normas daquella escola, a que, pezar de contraria á minha, não deixo de render o meu preito, pela belleza que dentro della os seus cultores realizaram.

Ibrantina comprehende o parnasianismo da maneira pela qual o definiu, em largos traços, o grande Alberto de Oliveira em eloquente discurso aos academicos de Direito, quando de sua visita á Faculdade, em tempos: — Não a rigeza marmorea sepultando a emoção, mas a elegancia da fórma escorreita vestindo a idéa; não a pompa verbal e ôca, que embala e nada diz, mas a expressão correcta em portuguez de lei; não o parnasianismo frieza, mas o parnasianismo vibração; parnasianismo por assim dizer á brasileira, como o exerceram Raymundo, Bilac, Alberto, Luiz Delfino, Luiz Murat, na sua revolta contra o pieguismo em que haviam sahido os nossos ultimos romanticos; parnasianismo que consistia em trazer a Arte decentemente vestida.

E' que esse parnasianismo brasileiro, como o encararam os nossos grande poetas, se pode resumir perfeitamente numa formula de attica simplicidade; consiste nisto: — pureza verbal.

Dentro desse preceito foi que

> **"ao tono do lyrismo,**
> **Vibraram do "Heptacordio" as sete cordas de aço"**

E, tangendo-as afinadas, dentro da sua Emoção vibrante, creou Ibrantina o seu Rythmo de que resultou a Belleza deste formoso "Heptacordio".

Poderia cantar com mais encanto se désse mais liberdade ao Rythmo ondulante? Não é occasião de o indagar.

Ninguem pergunta a Luiz Delphino porque se compraz em cantar quasi que só no carcere de ouro dos seus sonetos, se elle dentro dos sonetoos encanta quando tange a lyra.

E' o caso da poetisa excelsa quando afina o aureo instrumento, buscando o diapasão do alexandrino e só por excepção vibrando os outros rythmos.

Ha poetas que se comprazem em crear difficuldades á propria musa, temendo-lhe talvez a demasiada exhuberancia.

Não é de condemnar, pelo contrario, é de elogiar e muito.

Não se veja contradição no humilde autor destas linhas, que sempre se bateu pelo verso livre, em applaudir assim de publico a grande sacerdotiza da escola opposta.

Ha muito verso livre que por ahi corre actualmente que absolutamente não tolero, antes condemno, pelo desleixo em que os seus autores os apresentam em publico, confundindo a liberdade que se preconisa com a licença de que usam contra todos os preceitos da arte.

O culto á fórma não pode ser desprezado em escola alguma, menos ainda na decadente. Ella é apenas diversa nas duas a que me estou referindo, pela diversidade de technica, mas desprezada, como pensam alguns versolibristas mal orientados, nunca, pois só pela fórma se impõe a obra de arte que aspira a eternidade.

E' de Goethe a phrase: "O Bello não é sinão o resultado de uma exposição feliz. Porém "exposição feliz" outra cousa não é sinão a "expressão perfeita", e esta só se consegue pela pureza da technica e pela correcção da linguagem.

Preferivel mil vezes ao desleixo technico, á sujeição aos canones de uma escola, porque esta, ao menos, disciplina o pensamento e as idéas, limando superfluidades e concorrendo para a belleza da expressão, unica cousa que, dando a conhecer ao mundo o pensamento do poeta, perpetuará por sua vez o poema, eternizando "o sonho de um momento", na phrase de Musset.

Eis porque trazemos o nosso "bravo" á poetisa excelsa, que, pelas paginas do "Heptacordio" multiplica, para gaudio do nosso espirito que se extasia ante a belleza artistica, aquella "exposição feliz" de que nos fala o grande Goethe...

Clangor de trompa de um Siegfried heroico — dissemos ao principio, comparando o vigor da musa de Ibrantina com os rimadores de sentimentosinhos e pieguices.

Clangor heróico de uma alma cuja elevada vibração encanta pelo são vigor com que levanta a lyra augusta, em prol da belleza eterna.

Imaginae Diana, soberba de belleza e graça, surgindo de repente em meio de um grupinho de moles e mellifluas melindrosas, cujo encanto é feito apenas pelo crêmes e pelas corezinhas postiças.

Tal a musa altisonante do "Heptacordio" comparada ás Cameninhas de certos literatos effeminados de hoje em dia.

Desde a Alegria á Dor, quer se expanda em "Vibrações bellicas" ou 'lyricas", percebe-se a alma sadia de alguem que em face dos seus themas sente palpitar com vida o seu estro que vôa naquelle "vôo lyrico" de que nos fala Vargas Vila.

Invocando a grande Musa, olhae como se exprime:

> **"Musa, estrella do verso, alma como que propago,**
> **Mercê da tua graça, o bem que me extasia,**
> **Dá que eu cante, serena, ao teu influxo mago,**
> **Dá-me a nobre altivez de eleita da poesia".**

. . . .

acolhe, com afago,

. . . .

> **Minha supplica ideal; tange-me n'alma a corda**
> **Harmonica do verso; e de aureos raios borda**
> **A modula canção que aos labios me aflorar..."**

Presa nas garras do Ciume, vêde como ruge, mal ferida, num surto de rara belleza:

> **"Seu nome é a vibração de um tormentoso tono**
> **Que, em vão, de dentro d'alma afflicta em vão descarto;**
> **A ouvil-o, do Heptacordio arranco, em sangue, a estrophe,**
> **E, em choro e convulsões, todas as cordas parto."**

Envolvida pela onda suave-amarga das saudades, olhae com que resignada doçura as recebe abrindo a alma para que a envolvam, ellas que são as amadas Sombras:

> **"São as sombras que eu amo; andam no meu roteiro**
> **Ephemero da terra, emquanto eu me recato,**
> **Dentro do ádito d'alma, e, como num mosteiro,**
> **Reza meu coração, de saudades compacto..."**

E assim, em pleno sonho, vae desprendendo os seus vôos, surtos vibrantes de são lyrismo:

**"Quer descante, em adagio, a magua que escrucia,
Quer vivace gorgeie as notas da alegria,
Meu verso chora ou ri... Gôso ao soffrer enlaço,**

**E, provando-os assim, nas horas em que scismo.
Toda a minh'alma vibra: e, ao tono do lyrismo,
Eu tanjo do "Heptacordio", as sete cordas de aço."**

Ante uma heroica espada que já venceu batalhas, vêde com quanto ardor se eleva a musa augusta quando a vê, dormindo em seu estojo, como sobre os louros da conquista:

**"Cheia de gloria, emfim, repousa a espada agora;
Dorme o gume acerado, e na calma perdura;
Mas, quando alguem desperta o seu prestigio e o exora,**

**A lamina retine, e freme e relampeja,
E a espada inda se escuta, em lances de bravura,
Como outr'ora, golpear as hostes, na peleja."**

Como se vê, ha nos sonetos de Ibrantina aquelle arrebatamento que Vargas Vila requer como caracteristico do verdadeiro lyrismo, "la exaltación artistica, el arrebatamento espiritual, el gesto magnifico del vuelo... alto, interminable, sonoro..."

No proprio "Culto pagão", em que rende o seu tributo á austera musa parnasiana, a descripção tem sempre um fremito de vida, quer persiga pelo areal adusto a eterna e sempre nova "Miragem", que foge á caravana que a busca, quer se detenha a sonhar ante a millenar "Esphinge" em cujo seio de granito está guardada a tortura e a dor da escravidão passada, tomando a Esphinge as proporções de um grande symbolo das eras que se foram...

**"Corpo de leôa extenso; alta, a cabeça humana,
Na mole millenar, em tranquilla postura,
A esphinge se debruça... Arda a umbella africana,
E escalde o areal que ao sol flammivomo fulgura,**

**Ruja o sirôco atroz que o céo fustiga e empana,
Da esphinge o mesmo olhar, perdido na planura,
Impassivel, abstracto, encontra a caravana
Que lhe perscrute um gesto e fite a catadura.**

A' destruidora acção do tempo, resisitente,
Seu vulto colossal que os seculos attinge,
E' o marco do terror da dynastia ingente.

Symbolo da era atroz, para a terra e o infinito,
Da escravidão que a ergueu, toda mysterio, a esphinge
Guarda a tortura e a dor, no seio de granito.

Anima as estrophes de Ibrantina um vigor potente e inconfundivel, talvez haurido nas plagas do pampeiro, cuja seiva bravia em tempos aspirou:

"Foi assim que aspirei tua seiva bravia;
Por isso, de ti trago, ó terra, essa energia
Que impulsiona a minh'alma e propelle o meu passo..."

Essa energia percorre-lhe ao estrophes, enchendo o verso numeroso de um fogo não commum.

A rigeza da escola não lhe tolhe o surto poetico, bastando para o comprovar, além dos já citados trechos, o soneto lapidar e fremente com que ella envia a sua saudade á terra, onde se lhe desabrocou a grande musa:

ILHA VERDE

Ao Estado de Santa Catharina

"Ilha verde do Sul, inda a jaspea orladura
Da praia vejo ao mar que as ondas te desata,
E ouço a tua poesia, aos luares de prata,
Cantar-me dentro d'alma... Alcacer da natura,

Por ti é que, a sonhar, ungida de ternura,
Nas azas da saudade o anseio me arrebata,
Quando escuto do mar a longinqua sonata,
E, avido, o meu olhar o teu seio procura.

Pois foi no teu regaço em que, desbotoada,
A adolescencia verde, a minha juventude
— Rosa de amor, floriu, pela Musa embalada.

Por ti é que á minh'alma a nostalgia invade,
Ao tanger neste canto as cordas do alau'de,
Para mandar-te, ó ilha, um beijo de saudade."

Grande poetisa! Ao lel-a, a gente sente orgulho de a ter como irmã de arte.

Tel-a como companheira (para usar de uma phrase de Soiza Reilly a outra sonhadora), **es una gloria para todos los que tenemos nuestro hogar em la luna!"**

19-11-1922 MANOEL DO CARMO.

(Da Academia de Letras Riograndense do Sul)
D'"**A Gazeta**" de S. Paulo de 30 de Dezembro de 1922

LIVROS NOVOS

Heptacordio — Poesias de Ibrantina Cardona — Typ. Editora Olegario Ribeiro — S. Paulo.

No seu genero, parnasiano, **Heptacordio** ficará como um brilhante exemplar de esforçada consciencia artistica accusando os seus versos o trabalho de cepilho e de acairelamento da phrase, que a escola impõe aos seus adeptos. Nesse sentido, Ibrantina affirma-se uma notavel poetisa, senhora dos segredos mais reconditos da sua arte. Vai, como exemplo, este primor de soneto, que, no genero, é uma pequena obra prima:

A PARTIDA

Broslada de ouro, ao sol, ondula a mobil tela,
Que ao dorso se lhe estende, o mar; plange e se alteia;
No seu fluxo crescente, alaga á jaspea areia
E de espumeo listão toda a praia acairela.

Do ancoradouro, inflada ao vento a larga vela,
Gaivotas voando á pôpa e á flor da maré cheia,
Levanta o ferro a náu, e de um sulco golpea
O espelho em que se mira a flavescente umbella.

Eil-a, quebrando a fôlha á esteira que borbota
A vaga altiva; range ao balouço, e inicia,
Rumo de uma outra plaga, a longinqua derrota.

Vai-se... e, a expandir, em pranto, a magua que o apaixona,
O grumete saudoso o adeus á Patria envia,
Agitando, da gávea, um farrapo de lona.

(Do **Correio Paulistano**)

"HEPTACORDIO"

Por Ibrantina Cardona

Sociedade Editora Olegario Ribeiro, rua dos Gusmões, 70, São Paulo.

Da sua genesis á infancia, da idade de sorrir á de pensar, a expansão de seu ideal, a vibração de seu lyrismo e o brilho do seu talento accusam o que Victor Hugo definiu nestes dois mimosos versos:

"Les enfants sont, avant de naitre,
Des lumiéres dans le ciel bleu."

E' a synthese poetica da alma dôce e viril de Ibrantina Cardona, alma que se revela no seu cantar e sentir atravéz das adoraveis paginas do "Heptacordio" cujos sons exprimem o todo artistico e sentimentalmente poetico de uma figura de brilhante destaque na literatura patria.

Poetisa de raça, formada pelo encanto do seu dizer e versejar, pela majestade galante de seu espirito e cultura de elite, Ibrantina Cardona é hoje o que foi desde a sua vivaz e florida infancia, possuindo uma riqueza de ideal e de forma que legitima sua maestria na arte com superioridade digna de orgulho.

Está no plano saliente do quadro primoroso das nossas poetisas, sendo que, pelo seu sentir e idealisar, ella veste a roupagem que ostenta os adornos da arte pura e de classica forma.

O seu livro, "Heptacordio", contém versos lindos, primorosos, que despertam o desejo de canto e publicidade incessante: sons maviosos que vibram de uma inspiração ardente!...

Nas Cordas do "Heptacordio", ella tem a "Dor".

. . . .

Tento aplacar-te em vão; pois, ironica, encravas
Pelo meu corpo exangue, o espiculo acerado,
E eis-me vencida, ó dor, na algema das escravas.

A caminho da morte, o coração, transborde-o
O pranto embora, tu o levas arrastado,
Entre um cortejo de ais e a endeixa do 'Heptacordio."

soneto em que a poetisa abre amplamente o relicario de sua imaginação pela profundeza do seu pensar e pela sonancia de um lyrismo symphonico que transmitte a dôr em ideal que a retrata.

Nas "Vibrações bellicas" novo estro revela de seu sentimento pelas coisas da guerra, sobre as quaes verseja com ardor patriotico, denunciando uma carinhosa e ardente feição de seu espirito que brilha e estride em vibrações dulcissimas:

O CLARIM

"Irradiando a aurea voz pela explanada immota,
Interprete marcial da Patria que nos fala,
O estridulo clarim sopra a energica escala,
Que n'alma do soldado o ardor da guerra brota.

O enthusiasmo e a bravura impõem-se; de ala em ala,
Crescem ancias de luta e planos de derrota;
E' que, a ouvir o clarim vibrando, nota a nota,
Pela gloria da Patria o exercito se abala.

E, carabina ao hombro; e, baioneta a prumo;
Passos para o estendal da belligera zona,
Vae seguindo a legião, impavida, o seu rumo.

Exhorta-lhe do triumpho a imagem promissoria,
E o vibratil clarim, suggestivo, a impulsiona
Para as lutas da guerra e a conquista da gloria."

"A' ARTE" rende a poetisa as intimas homenagens de sua alma de artista, sem comtudo esconder o desengano que as illusões povoam nos nossos cerebros e nos nossos corações:

A' ARTE

. . . .
Illuminas-me o ideal, na vida transitoria,
Aos sons da tua voz que escuto pelo espaço,
Como um hymno a vibrar num clarim de victoria...

Tu vens da plaga excelsa em que os olhares ponho,
E onde, a seguir-te, sob o teu clarão, eu passo,
Glorificada, emfim, pelo meu proprio sonho.

E' o que nos limitamos a assignalar do conjunto formoso dos seus sonetos dedilhados no "Heptacordio" pelo poetico sentir de sua formosura de ideal, ostentando uma forma literaria das mais elogiosas e que espelha a maestria e o talento de Ibrantina Cardona: é, ella, o ser que illumina pelo ideal majestoso com que a natureza a dotou desde a sua formação, como assignala o pensador e poeta gaulez.

(D"**A Platéa**", de S. Paulo).

POETISA DE INSPIRAÇÃO

A sra. d. Ibrantina Cardona é poetisa brasilera de inspiração rutilante.

Dizendo isto, não lhe fazemos apreciação elogiosa; qualificamos com sinceridade o seu merecimento intellectual, já evidenciado, ha poucos annos, com a publicação do "Plectro", collecção de poesias com que estréou.

O primoroso talento desta poetisa despertou então os applausos da critica jornalistica e as mais justas referencias da parte de todos os belletristas que leram versos do "Plectro".

"Do estro da sra. Ibrantina Cardona explendem fulgores de astros e de pedras preciosas", assim escreveu um literato nortista, que comparou o soneto "Aphrodite" — pela belleza classica e forte dos seus versos, a um dos quadros da Mythologia grega."

No "Heptacordio", a sra. Ibrantina Cardona, ainda recordando a belleza do classicismo de Anacreonte, desde o nome que escolheu para o seu novo livro, dedicado affectuosamente a Francisco Cardona, seu esposo e director d'"A Comarca", evoca, em sonetos, bem burilados, o "Culto Pagão".

Sua lyra vibra então, em louvor de Hercules, Pan, Theseu, Jason, etc.

Cada um destes sonetos é uma esculptura, com lavôres de mão amestrada.

A poetisa celebra em outras paginas do "Heptacordio" a magnificencia da antiguidade egypcia, versificando as Pyramides, a Paizagem arenosa, o Deserto, a Miragem, o Dromedario, que debaixo de um céo esbrazeado percorre com a lentidão da sua andadura os areiaes das planicies.

As "Vibrações liricas" terminam este delicado e artistico livro.

Em qualquer das suas composições sente-se a palpitação de uma alma sentimentalizada pelas emoções do ambiente e que se traduzem por expressões harmoniosas.

Livro essencialmente artistico, o "Heptacordio" é merecedor, principalmente, da preferencia dos artistas de selecção.

A sua confecção recommenda as officinas da Casa Olegario Ribeiro, — "Heptacordio" — é um mimo, é uma producção elegante, não sóó intellectualmente, como tambem se parece com os trabalhos de joalharia melhor executados.

D. Ibrantina Cardona conquistou mais elevado posto no solio a que chegaram os poetas que estão em evidencia hodierna na arte brasileira.

E, para que não fiquem os leitores desta apreciação sem

conhecimento de algumas das joias desse escrinio de literatura, transcrevemos o soneto:

A ESPADA

— Esta é a espada marcial, heroica, da batalha,
Que rapida golpea e afronta á guerra insana,
Prepotencias abate e thronos atassalha.
Brandiu-a a mão de um bravo, entre as hostes, ufana,

Quando, de sob o fogo e as lascas da metralha,
Elle, audaz, como heroe de tempera espartana,
O inimigo venceu. No estojo que a agasalha
— Reliquia sem rival, que as pugnas explana,

Cheia de gloria, emfim, repousa a espada, agora;
Dorme o gume acerado, e na calma perdura;
Mas, quando alguem desperta o seu prestigio e o exora,

A lamina retine e freme e relampeja,
E a espada ainda se escuta, em lances de bravura,
Como outr'ora, golpear as hostes, na peleja.

Assim como este formoso soneto muitos outros realçam as paginas deste bello livro de poesias da talentosa literata patricia.

LEOPOLDO DE FREITAS.

(Diario Popular, S. Paulo).

⊛

IBRANTINA CARDONA

Heptacordio 1922.

. . . .

Lêde, commigo, leitor sedento de belleza, este maravilhoso pedaço d'alma:

"A PARTIDA"

Broslada de ouro, ao sol, ondula a mobil tela,
Que ao dorso se lhe estende, o mar; plange e se alteia;
No seu fluxo crescente, alaga á jaspea areia,
E de espumeo listão toda a praia acairela.

Do ancoradouro, inflada ao vento a larga vela,
Gaivotas voando á pôpa e á flor da maré cheia,
Levanta o ferro a náu, e de um sulco golpea
O espelho em que se mira a flavescente umbella.

Eil-a, quebrando a folla á esteira que borbota
A vaga altiva; range ao balouço, e inicia,
Rumo de uma outra plaga, a longinqua derrota.

Vae-se... a expandir, em pranto, a magua que o apaixona,
O grumete saudoso o adeus á Patria envia,
Agitando, da gávea, um farrapo de lona.

E' o Sonho-Belleza que se encastella nesta alma de mulher. Tem a grandeza e a força do bronze e a luminosidade e coloridos do crystal. E' doce e lyrica, é pensadora e philosopha, é profunda e sonhadora.

Tem como todo o grande artista consciencia da sua força, e sabe que depois do sonho só temos o proprio sonho, para nos fortalecer neste aspero e doloroso caminho, onde, para todas as almas espiritualizadas, só existe um consolo que é o da divina mentira da Poesia. Ibrantina é, sem favor, um dos poetas de maior valor do Brasil: O seu nome é uma gloria nacional.

E da minha alma vae a ella um cantico de amor e admiração, por este espirito grandioso e bello, donde irradia a claridade inconfundivel de um luzeiro de primeira grandeza.

Gloria á poetisa illustre! Gloria!

APLECINA DO CARMO.

Inverno de 1922 em terras mineiras.

(Do **Diario de Minas**, Bello Horizonte — 27-7-922).

⊛

A musa de Ibrantina Cardona é sobria e austera. Não se lhe vê, quando canta, a divina despreoccupação das arvores que vão abandonando, ao sabor dos ventos, as flores que foram o sonho da sua vida.

Ao empunhar o Instrumento sagrado, Ibrantina assume a severidade de Sacerdotiza.

Assim todas as suas producções são fructos de profunda elaboração.

Não ha no seu livro a banalidade musical, que nos prende a attenção sómente durante os curtos minutos em que se vão desprendendo e ligando as palavras rythmadas.

Seus versos encerram idéas poderosas, que, fechado o livro, ficam vibrando e suggerindo novas idéas.

YAYNHA PEREIRA GOMES.

Do **Diario Popular**, de São Paulo.

⊛

LIVROS NOVOS

"Heptacordio" — Versos de Ibrantina Cardona — S. Paulo, 1922.

Não é um nome desconhecido dentro e fóra do meio litterario paulista o da sra. Ibrantina Cardona, que, no socego de uma cidadezinha do interior — Mogy-mirim — tão bem reparte as horas destinadas ao arranjo e compostura do seu lar, que ainda lhe sobra tempo de versar com as musas. E o certo é que as conversa com muito proposito, com distincta elegancia, com attitudes fidalgas de quem se preparou mais do que fôra de esperar para esses difficeis torneios da expressão verbal e dos requintes estheticos.

De longa data conhecemos os seus versos, sempre nos cantaram elles aos ouvidos, porque sempre fugiram nos themas e na fórma, ás banalidades ou aos exotismos da poesia feminina no Brasil.

Versada no trato diuturno dos parnasianos, dos quaes adquiriu o meneio energico e opulento da linguagem, pantheista nas sadias expansões do seu temperamento, D. Ibrantina Cardona porfia com as nossas mais eminentes poetisas, engastando-se na radiante constellação que tem como estrella de primeira grandeza e imperecivel brilho a saudosa Francisca Julia.

Parte da sua copiosa producção acaba de enfeixar numa elegante brochura de 103 paginas a distincta poetisa.

Empunhando o heptacordio — e **Heptacordio** intitula-se a collectanea — celebra D. Ibrantina Cardona a suprema belleza das cousas e dos sentimentos ora alegres, ora tristes, ora vibrantes ou lyricos.

E aqui vai como remate desta breve noticia e para documentar estes conceitos o seguinte soneto:

AD INFINITUM

II

"Inexhaurivel, flue, e sobe numa espira
De lagrimas que verto, e acima se evapora,
Esse constante ansiar que a outros mundos aspira,
E de anseios tortura o meu ideal, agora...

E' para lá, no espaço orlado de saphira,
Que eu quizera transpor o velario da aurora,
Por onde abstracto, a voar, meu pensamento gira,
Pela orbita do sol, rompendo, ceos em fóra.

E' para lá que aprumo, em supplica, os meus braços
Quando de astros a noite o aureo pallio radia
E a tristeza do luar se espalha nos espaços.

Quando, absorvendo n'alma a astral melancholia,
Partido o coração, minusculos pedaços
Levam, de estrella a estrella, a minha nostalgia''.

(**Jornal do Commercio,** São. Paulo)

⊛

BIBLIOGRAPHIA

Ibrantina Cardona: **Heptacordio.** — S. Paulo. 1922.

Ainda um livro de versos. E de uma senhora, que, ha annos já, se enfileira na bella phalange amazonica das nossas cultoras do verso, phalange onde têm rebrilhado os escudos de Francisca Julia, Julia Cortines, Auta de Souza, Gilka Machado, Rosalina Lisboa, "et je m'en passe...''.

Comparando-as a amazonas, não queremos usar apenas de uma pura imagem delambida. As nossas poetisas, quasi todas tem, como as lendarias guerreiras, qualquer coisa de varonil nas suas inclinações artisticas e nas suas audacias de pensamento. Ao lado de muitos dos nossos aédos calçudos, que se debulham em flebeis suspiros, parecem ter apanhado o fardo das responsabilidades masculinas.

A sra. Ibrantina Cardona tem o gosto dos assumptos fortes e do verso cheio e vibrante. Uma boa parte do seu livro está mesmo dedicada a uma série de themas bellicos: O aeroplano de guerra, O submarino, O soldado, etc.

Outra parte, "Culto pagão'', evoca, á boa moda parnasiana, figuras e paizagens antigas e remotas — Aphrodite, Hercules, Pan, Argos, Egypto, O deserto, Ondas, Galeras, Heróes. Uma outra secção, ainda , intitula-se "Vibrações lyricas'' — mas ahi mesmo o sentimento se mostra quasi sempre sob a roupagem severa das generalidades, sem gritos nem meneios de marcado caracter feminino.

Transcrevamos um dos seus vigorosos sonetos, — o que se intitula "Aspiração'':

"Luz viva quero ser, ao voltar da materia, — Sob a lei divinal, que mysteriosa ordena, — O espirito perfeito; e longe da terrena — Luta, calma, esplender na amplitude siderea.

"Ser luz para brilhar, após o olvido á pena, — Como quem não provou deste mundo a miseria; — Luz que ascenda, a girar sob a attracção etherea. — E lá do espaço aclare esta orbita pequena;

"Ser luz, piedosa luz que nos seus raios lance — A paz da altura á terra, e inspire a fé aos crentes; — Luz que console a dor, no attribulado transe,

"E' tudo quanto aspiro, ó ansia que a alma invade, — E', transfundida em luz, em raios esplendentes — Ser luz viva e immortal, por toda a eternidade."

Este soneto é genuina amostra das tendencias reflexivas do espirito da autora, e ao mesmo tempo da sua maneira artistica.

(**O Estado de S. Paulo,** 8—6—922).

⊛

IBRANTINA CARDONA

HEPTACORDIO — Poesias.

Edição da Soc. Olegario Ribeiro. São Paulo — 1922.

Uma das censuras que têm sido levantadas contra o parnasianismo é a de ser elle de uma frieza que sacrifica a emoção, por amor da forma. Não é destituida de fundamento essa observação. O **quid** da questão está, porem, em que só os poetas de pulso se podem filiar a essa escola; os mediocres, e os versejadores vulgares baqueiam, de facto, em tão pedregosa jornada, — o que se não dá com Ibrantina, no **Heptacordio.** Lêde, por exemplo, a

INVOCAÇÃO

A' Musa

Musa, estrella do verso, alma com que propago,
Mercê da tua graça, o bem que me extasia,
Dá que eu cante, serena, ao teu influxo mago,
Dá-me a nobre altivez de eleita da poesia.

Crente, a minha'alma exora, e grata, em ti confia;
Nos labios trago o riso; a fé no seio trago;
E ao teu vulto me inclino, a implorar-te uma estria
De luz ao meu roteiro; acolhe, com affago,

Minha supplica ideal; tange-me n'alma a corda
Harmonica do verso; e de aureos raios borda
A modula canção que aos labios me aflorar.

E baixa o teu amen, ó Musa protectora,
Por sobre a invocação da ousada sonhadora,
Que as cordas do **Heptacordio** afina, e vae cantar.

Não só é de uma belleza extraordinaria esse soneto, como tambem de uma completa perfeição technica. Esta ultima, foi levada, aliás, pela illustre poetisa a um gráo que se não encontra muito frequentemente nem mesmo nos nossos maiores escriptores. As rimas do **Heptacordio**, que são quasi sempre de indole grammatical differente, dão-lhe um tom todo original de agradavel variação, e recebem não só os nossos, que são pobres, mas os encomios dos nossos mais eminentes theoricos da poesia.

Ella alcançou plenamente seu objectivo: ergueu o idioma, honrou a vernaculidade, e mostrou que a nossa lingua é a lingua feita para a poesia.

Aprecie agora o lyrismo suavissimo de Ibrantina:

AMOR

Tão leve devaneio e vôo, que presumo
Nas espaduas erguer as azas de escumilha;
E, vòando, a prelibar de um amavio o sumo,
Minh'alma do lyrismo as gammas desatilha.

E' o amor que renasce, e nelle me resumo...
De carinhos, ó Musa, o meu verso esmerilha;
Qual passaro, a cantar, solta-o de rumo em rumo,
Em baixo, á terra em flor, em cima, ao ceo que brilha,

Porque, em tudo o que é bello, alguem perpassa, agora,
E fala a sua voz de doçuras ignotas...
A ouvil-a, sonho; o anceio ao peito se me aflora,

E deste amor, em verso, eu improviso o exordio,
Ao tom da cavatina, a solfejar as notas
Que dedilhando vou, nas cordas do **Heptacordio.**

Haurindo a fragancia desses versos, sentimo-nos como que transfigurados. Vemos nelles a immortalidade do coração. Podem morrer as creaturas; o sentimento não morrerá.

E aquelle que conseguir concretizar com felicidade um movimento da nossa alma, e isolar um fio que seja dessa trama de affectos communs a todos os homens, é um nosso bemfeitor. Surge ahi o valor do lyrismo. Julgando trabalhar para si, a pessoa dá-nos as mãos a nós todos, para a caminhada da perfeição.

Simplesmente estupenda é esta linda comparação e este quadro realista:

ONDAS

Calmo, á brisa que o afaga, o mar azul embala
O fluctigeno berço; ao léo da esteira mansa,
Vem á praia uma onda, e beijando-a, resvala,
E volta ao seio d'agua, e desfaz-se, em bonança.

Succede á brisa o vento, e embrusca o ceó de opala;
Turvo, agita-se o mar; empola-se a onda, avança,
Estruge contra a praia; em furia, a açoita, estala,
E ao seio bramidor, de retorno, se lança...

Alma ansiosa, és igual a esse mar: ora, presa
Das illusões, o amor, a paz e os teus antolhos
Expandes, num sorriso; ora, atada á tristeza,

Sob a dor que exaspera, estuando, dentre escolhos,
Da tormenta moral rebentas a represa,
E as ondas sobrevêm nas lagrimas dos olhos.

Os sonetos classicos do **Heptacordio** são de uma serenidade empolgante, e fazem lembrar o vigor hellenico com que o genio de Bilac subiu, em **Tarde**, a uma altura infinita. O **Hercules**, de Ibrantina, é por certo digno de menção especial, com o offego soberbo destes tercettos finaes:

Echoam, dentre a matta, os aulidos da fera;
Foge a ave espavorida, ante a luta corporea,
Um panico terror do bosque se apodera.

E Hercules, semi-deus e vulto de epopea,
No olhar de vencedor o orgulho da victoria,
Aos seus pés vê, morrendo, o leão da Neméa.

O poder descriptivo da poetisa se revela com pujança em algumas producções do seu livro, taes como em **O deserto, A**

esphinge, O dromedario, e no soneto **Manhã,** que, termina clara e evocadoramente:

. . . .

Num rumor orchestral de zumbidos, cantares,
Toda a terra, do solo ao espaço, vibra, anseio;

E no templo pagão, dentre a selva bravia,
Onde a aboboda azul se abre em raios solares
Celebra a natureza o reinado do dia.

Essa descripção será tida por boa mesmo pelo critico mais exigente, e mais habituado a ver com que insistencia vates bons e maus tomam a manhã, o pôr do sol, e os demais quadros da natureza para objecto da sua inspiração.

Em poucas linhas, como estamos fazendo, é impossivel traçar um esboço completo da personalidade da notavel poetisa. O seu talento é multifario.

Palmas, muitas palmas, palmas em quantidade cáiam sob os pés da cantora do **Heptacordio.**

G. DE ALMEIDA MOURA.

⊠

UM LIVRO

"Ibrantina Cardona — Heptacordio, poesias, 1922.

Ibrantina Cardona, fulgente gloria das letras patrias, acaba de lançar á publicidade mais um volume de suas magistraes poesias.

Ibrantina que tange o verso heroico com a maestria dos grandes artistas, lançando o **Heptacordio,** vem reaffirmar o seu logar entre os nossos poetas.

A bizarra sonhadora que se equilibra lá bem no alto onde pairam os grandes vates da nossa terra, é um dos temperamentos mais vigorosos de que se deve orgulhar a nossa raça.

Heptacordio é um dos livros mais fortes dos ultimos tempos.

Por hoje, registramos apenas o feliz apparecimento do formoso livro.

Mais de espaço, diremos amplamente sobre a inconfundivel personalidade de Ibrantina, creadora deste grandioso **Heptacordio,** tão cheio de vibração e de belleza."

(**D'A Vida Moderna,** S. Paulo).

"Campinas, 24-7-922, Exma. Snra. D. Ibrantina Cardona, Mogy-mirim. Affectuosas, e distinctas saudações a V. Excia. Por seguirem tardiamente, não seguem menos calorosos e enthusiasticos os cumprimentos que tenho a honra de expressar-lhe, por motivo do seu bello livro de versos "Heptacordio", que li com verdadeiro deleite espiritual, pagina, e verso a verso, sentindo o orgulho natural que todos os que se interessam pelas nossas Letras sentem, vendo fulgurar na brilhante pleiade de nossos poetas mais um nome de Mulher que já se impusera á admiração de nossa Terra, e que ora se nos apresenta, incontrastavelmente, como artista perfeita, de primeira grandeza, rica de inspiração, senhora de todos os segredos de nossa linguagem e impeccavel nos finos lavores de seus admiraveis versos! Sinto que de todo me falleça o tempo, pois, isso mesmo, no desdobrar de uma apreciação para a imprensa, eu o diria com muito prazer e com muita honra, não obstante o pouco valor literario de quem assim se manifesta: outrem por mim o dirá, com mais autoridade, dentro em breve, pelas columnas de uma das folhas campineiras.

RAPHAEL DUARTE"

⊛

Exma. Sr. D. Ibrantina Cardona. Respeitosas saudações. — Muito lhe agradeço o mimo do seu bello volume de versos lapidares, nos quaes mais uma vez se revela a sua reconhecida Musa. Possam os seus versos, com os de outros talentos femininos do Brasil, contrapesar a onda ameaçadora de uma poesia despudorada que envenena a nossa nascente literatura. — Com a mais alta consideração subscrevo-me — patricio e admirador. — OTHONIEL MOTTA.

Campinas, 29-6-922.

(Lente de literatura do Gymnasio de Campinas).

⊛

REGISTRO LITERARIO

Ibrantina Cardona

Heptacordio, poesias. Typographia da Sociedade Olegario Ribeiro. Anno 1922. Pags. 104.

Meia duzia de sonetos do **Heptacordio** basta para assegurar á Sr.ª D. Ibrantina Cardona a laurea de distinta e brilhantissima cultora do verso, no Brasil.

Nada ficam elles devendo aos melhores de Francisca Julia — irmã gemea de arte da Sra. D. Ibrantina Cardona.

. . . .

A ESPHINGE

"Corpo de leôa, extenso; alta, a cabeça humana,
Na molle millenar, em tranquilla postura,
A esphinge se debruça... Arda a umbella africana,
E escalde o areal que ao sol flammivomo fulgura.

Ruja o sirôco atroz que o céo fustiga e empana,
Da esphinge o mesmo olhar, perdido na planura,
Impassivel, abstracto, encontra a caravana
Que lhe perscrute um gesto e fite a catadura.

A' destruidora acção do tempo resistente,
Seu vulto colossal que os seculos attinge,
E' o marco do terror da dynastia ingente.

Symbolo de era atroz, para a terra e o infinito,
Da escravidão que a ergue, toda mysterio, a esphinge
Guarda a tortura e a dôr no seio de granito."

Eis ahi uma producção verdadeiramente digna de figurar entre os mais bellos marmores dos **Sonetos e Poemas** de Alberto de Oliveira.

Continuo a documentação com o bello soneto **Ad Infinitum**, no qual a par da fórma escorreita de cada verso, caprichosamente trabalhada, ha tambem grande dóse de lyrismo e de verdadeiro sentimento:

"Inexhaurivel flue, e sóbe numa espira
De lagrimas que verto, e acima se evapora,
Esse constante ansiar que a outros mundos aspira
E de anseios tortura o meu ideal, agora...

E' para lá no espaço orlado de saphira,
Que eu quizera transpôr o velario da aurora,
Por onde abstracto, a voar, meu pensamento gira
Pela orbita do sol, rompendo céos em fóra.

E' para lá que aprumo, em supplica, os meus braços
Quando de astros a noite o aureo pallio radia,
E a tristeza do luar se espalha nos espáços.

Quando, absorvendo n'alma a astral melancholia,
Partido o coração, minusculos pedaços
Levam, de estrella a estrella, a minha nostalgia."

Entre as melhores peças do **Heptacordio** destaco ainda Galera da Juventude, Lyrismo, Ao Sol Posto, Aspiração, Invocação, Para a Guerra e Sonho de Artista.

. . . .

Essa meia duzia de sonetos chega para collocar a Autora entre as melhores poetizas e os maiores poetas que possúe actualmente o Brasil.

Das primeiras, no cinzelado da fórma e na riqueza do vocabulario, nenhuma a supplanta, nem mesmo a iguala, siquer.

A Sr.ª D. Ibrantina Cardona será daqui por diante citada com orgulho como uma das primeiras e mais distinctas representantes da arte e da poesia na nossa terra.

O **Registro**, que nunca regateou justiça ao verdadeiro merecimento, envia-lhe d'aqui, com os seus applausos, uma braçada de flores.

OSORIO DUQUE-ESTRADA

(Da Academia Brasileira de Letras).

Do **Jornal do Brasil**, do Rio de Janeiro.

⊛

HEPTACORDIO

O parnasianismo de Lecomte de Lisle e Heredia, na sua projecção sobre a mentalidade brasileira, produziu duas esplendidas poetisas: Francisca Julia e Ibrantina Cardona, ambas por uma curiosa coincidencia aclimadas na terra paulista. Esta acaba de nos dar o "Heptacordio", em cujas paginas de ourivesaria o formalismo metrico não consegue, aliás para maior gloria da autora, suffocar os estos da sua alma tropical de arremessos disciplinados pela cultura.

Ibrantina Cardona, como Francisca Julia, prefere o soneto a qualquer outra fórma de mais largo surto, propicia aos altos remigios ideologicos. Nos quatorze versos, porém, ella poude requintar, como Cellini, no lavor de joias preciosas, que valem por minusculos baixos relevos. A sua estrophe é plastica, tem harmonias reconditas, canta a musica dos grandes instrumentos.

Não ha no "Heptacordio" a impassibilidade de que se accusou os discipulos do magnifico lapidario dos "Trophéos". Os seus pequenos poemas denunciam com elegancia o calor de uma sensibilidade que possue o "self control" e não se derrama em transbordamentos excessivos. A sua phrase é sobria e ao mesmo tempo fulgurante. A musa de Lecomte inspira-a tambem. E neste livro as visões do Oriente explendem em paineis coloridos, e os mythos da Hellade resurgem na belleza das suas linhas, como neste soneto ao deus capro da Grecia fabulosa:

PAN

"Hirtos chavelhos dentre a basta cabelleira,
Esbraseado o semblante, a attitude tristonha,
Pan, erradio o olhar pela verde cimeira
Do mobil caniçal, contemplativo, sonha.

A' margem do Ladon, inda elle vê, ligeira,
Syringe esbelta, como aligera cegonha,
De seus braços fugir... Da palpebra a primeira
Lagrima se lhe esvae; fere-o a sorte enfadonha.

Em cana transformada, a recordar Syringe,
Patas hircinas cruza, ás mãos a cana cinge...
Uma naiade o sonda; ouve-o a dryade, cauta,

E, rente ao caniçal, que o zephyro embalança,
Sentado á margem, Pan, de alma contricta e mansa
Faz da cana nymphéa a primeira flauta."

Este soneto diz do estylo do "Heptacordio", e vem provar que o logar de Francisca Julia na nossa poesia não ficou vago.

CARLOS MAUL.

(Da Academia Fluminense de Letras).

⊛

IBRANTINA CARDONA

Heptacordio, versos, **1922, S. Paulo.**

Não é o — "Heptacordio" — o primeiro livro de versos de Dona IBRANTINA CARDONA. Divide-se o volume em — Cordas, Vibrações bellicas, Culto pagão e Vibrações

lyricas. São, afinal, essas divisões meros capitulos quasi indistinctos.

A sua esthetica é a parnasiana, e o soneto é a mais numerosa especie que enche todo o livro.

Do — "Heptacordio" — escolhemos os versos caracteristicos que melhor desenham a personalidade da poetiza.

Leiamos um dos sonetos mais pittorescos:

PAN

Hirtos chavelhos dentre a basta cabelleira,
esbraseado o semblante, a attitude tristonha,
Pan, erradio o olhar pela verde cimeira
do mobil, caniçal, contemplativo, sonha.

A' margem do Ladon, inda elle vê, ligeira,
Syringe esbelta, como aligera cegonha,
de seus braços fugir... Da palpebra a primeira
lagrima se lhe esvae; fere-o a sorte enfadonha.

Em cana transformada, a recordar Syringe,
patas hircinas cruza, ás mãos a cana cinge...
Uma naiade o sonda; ouve-o a dryade, cauta,

E, rente o caniçal, que o zephiro embalança,
sentado á margem, Pan, de alma contricta e mansa,
faz da cana nymphéa a primitiva flauta.

Estamos certos de que o parnasianismo passou luminoso, mas definitivamente, na poesia e inspiração dos homens novos, exceptuando os dois ultimos de grande repercussão, Rosalina Lisboa e Ibrantina Cardona, ambos do sexo gentil.

Parece um paradoxo que essa poesia rigida e varonil seja agora o apanagio dos entes mais delicados do genero humano.

E é uma senhora que escreve esse pomposo soneto:

HERCULES

Garras distende a féra, eriça a juba crassa,
Avança; e, corpo a corpo, em sanguinaria luta,
Hercules, punhos de aço, o leão esmurraça,
patas estorce, afronta á colera, reluta.

Desnudo o corpo, em sangue, as mãos livres da maça,
peito arfante, revolta a cabelleira hirsuta,
de Argolida o Titan que não teme a desgraça,
contra o monstro resiste, e o preme, a força bruta.

Echoam, dentre a matta, os aulidos da féra,
Foge a ave espavorida, ante a luta corporea,
um panico terror do bosque se apodera.

E Hercules, semi-Deus e vulto de epopéa,
no olhar de vencedor o orgulho da victoria,
Aos seus pés vê, morrendo, o leão da Neméa.

E' inegavel a perfeição artistica de Ibrantina Cardona nestes versos sobre os da sua já auspiciosa estréa.

Tambem é valente escriptora na prosa, e, neste momento temos á vista um dos seus vibrantes artigos em defesa do feminismo e em favor da elegibilidade das mulheres nos corpos politicos e na Academia.

JOÃO RIBEIRO

(Da Academia Brasileira de Letras)

D'O Imparcial do Rio, de 23 de maio.

⊛

"Rio de Janeiro, 22 de Maio de 1922.

Illustre poetisa D. Ibrantina Cardona:

Visito-lhe respeitosamente e agradeço a dadiva de seus primorosos versos do **Heptacordio**, tão cheio de belleza, inspiração, sentimento e arte, e que tantas notas heroicas desfere á nossa admiração.

AFRANIO PEIXOTO"

(Da Academia Brasileira de Letras)

⊛

"Rio de Janeiro, 30 de Maio de 1922.

Excelsa poetisa, D. Ibrantina Cardona:

Respeitosos cumprimentos.

Agradeço-lhe a offerta preciosa do seu vibrante **Heptacordio**, formoso livro que li com a maior admiração, enlevado pela sua nobreza de pensamentos e pela sonoridade intensiva dos seus rythmos.

Heptacordio é um livro sentido e artistico que recolhi á estante em que guardo as melhores collecções de versos.

RODRIGO OCTAVIO"

(Da Academia Brasileira de Letras)

⊠

"A bordo do **Massilia**, 22 de Junho de 1922.

Illustre poetisa, D. Ibrantina Cardona:

O **Heptacordio** tem sido o encanto da minha viagem. Sinceras felicitações por esse formoso livro de uma tão alta e tão nobre inspiração, vasada numa forma peregrina!

ALFREDO PUJOL

(Da Academia Brasileira de Letras)"

⊠

"S. Paulo, 31 de Maio de 1922.

Exma. Sra. Ibrantina Cardona:

Li, com o maior prazer, mais este inspirado volume do bello estro ao qual deve a poesia nacional tantas peças de fino lavor.

Queira acceitar os meus muitos parabens pela publicação desse formoso livro onde não sei o que mais apreciei, tal a forte impressão geral que me causou o seu **Heptacordio** de tão inspirada voz.

AFFONSO D'ESCRAGNOLLE TAUNAY

(Do Instituto Historico e Geographico de S. Paulo.)"

⊠

"Rio de Janeiro, 24 de Maio de 1922.

Exma. Sra Ibrantina Cardona:

Com a mais respeitosa consideração, cumprimento a V. Exa. e agradeço a preciosa offerta do seu formoso **Heptacordio**, sobre cujo merito artistico e sobre cuja laureada autora subscrevo o eloquente e justo juiso do illustre escriptor patricio, Snr. J. Eustachio de Azevedo.

Conde de AFFONSO CELSO

(Da Academia Brasileira de Letras)"

"Rio, 3 de Junho 1922. A' Ibrantina Cardona. Subscrevo as palavras de merecido louvor de Osorio Duque-Estrada á Auctora illustre de "Heptacordio". Seus versos são dos mais bellos que entre nós se tem publicado nos ultimos annos. Arte, inspiração, sentimento ha ahi e verdadeiramente admiraveis. Enthusiasticas saudações.

ALBERTO DE OLIVEIRA"

(Da Academia Brasileira de Letras).

⊛

IBRANTINA CARDONA :

E' necessario possuir uma alma gentil, um coração diamantino, um espirito robusto e profundamente intellectual, para obter a essencia da Poesia em notas tão crystalinas das cordas de um **Heptacordio.**

Musica classica e santa, accordes sublimes e divinos; uma audição que revela suavidade, que mostra precisão, que destaca maestria, que nivela talento, que constata inspiração...

Os meus applausos, senhora, por tão fina producção... os meus desejos de que essa e outras obras primas e preciosas, não sejam atacadas pelo despeito de uma critica doentia... os meus votos de felicidade pessoal á insigne escriptora de fidalga linhagem.

18-1-1923 MARCOS DE BARROS

⊛

S. Paulo, 3 de Maio de 1922.

Exma. Confrade, D. Ibrantina Cardona:

Tenho em mãos seu glorioso livro. Sabe que não sou "parnasiano": mas toda a belleza real, filha do talento, tem em mim um desvelado culto.

Penso que com o **Heptacordio** o logar de Francisca Julia encontrou seu successor digno.

Sempre citei com orgulho o seu nome, ao affirmar o intellectualismo e o valor das nossas patricias.

Seu livro é um triumpho.

HELIOS

"Gloriosa collega:

O seu **Heptacordio** é um dos livros mais fortes que tenho lido nestes ultimos tempos. A minha vibrante collega paira nos altos cimos onde assentam os maiores poetas da lingua e da raça. Salve!

MANOEL DO CARMO"

(Da Academia Riograndense de Letras).

⊛

IBRANTINA CARDONA

"Heptacordio", poesias. Typographia da Sociedade Editora Olegario Ribeiro. S. Paulo, 1922. Pags. 104.

Ibrantina Cardona seguiu o exemplo das abelhas. Trabalhou sem que a percebessem.

Mettida no seu recanto provinciano, não quiz que soubessem della, por muito tempo, as grandes cidades, onde as creaturas têm memoria fragil...

Entretanto, o mel que preparava era de um sabor maravilhoso e as almas que já o provaram nunca mais o esquecerão: Mel de flores eternas, de sonho e de belleza...

Eil-o aqui, vindo da colmeia, nas paginas de um livro, em versos puros, em pensamentos luminosos.

Ibrantina Cardona é um nome bem querido e admirado em todo o paiz. Nem o silencio que desejou, parece, nos ultimos annos, emquanto compunha o **Heptacordio**, conseguiu apagar o esplendor que o envolvera desde os primeiros poemas publicados.

Com Francisca Julia, Auta de Souza e Julia Cortines, Ibrantina Cardona, de rythmo grave e forma perfeita, repartia a gloria da poesia feminina no Brasil. Hoje, as Musas são mais numerosas. Em compensação a gloria cresce, ampliou-se e a parte que lhe toca é das maiores.

(Da **Illustração Brasileira**, Rio de Janeiro, 24 de Junho).

⊛

IBRANTINA CARDONA

"Heptacordio", poesias. Casa Editora Olegario Ribeiro — São Paulo —1922.

A Sra. Ibrantina Cardona acaba de enfeixar em volume que intitulou **Heptacordio** um punhado das melhores poesias de sua lavra.

A autora, que é um nome bastante conhecido nas nossas letras, affirma, nesse volume, da mais connivente maneira, as suas indiscutiveis tendencias parnasianas.

Livro revelador de justos conhecimentos technicos de poesia, cheio de pensamentos expressos numa linguagem castigada, e de colorido e rico vocabulario, e onde o culto da Arte é professado em homenagem exclusiva á propria Arte, **Heptacordio** é a obra de uma das maiores e mais perfeitas artistas do verso que as letras patrias possuem.

Entre os meritos da autora que são muitos é nos grato salientar: — vigor de phrase, pureza de linguagem, exactidão e opportunidade de imagens e metaphoras, vitalidade de expressão, e ondulancia de amplo rythmo nos versos.

Heptacordio colloca a Sra. Ibrantina Cardona ao lado dos maiores artistas da poesia brasileira.

(Da **Gazeta de Noticias,** do Rio de Janeiro).

⊛

BIBLIOGRAPHIA

Ibrantina Cardona. "Heptacordio". Poesias. — Typ. Editora Olegario Ribeiro — São Paulo — 922.

Deixou de ter emula no Brasil a excelsa poetisa que é Ibrantina Cardona.

O seu recente livro de poesias que acabo de receber de S. Paulo é a confirmação positiva dessa verdade. A propria hypercritica difficil encontrará nelle pé de apoio para os seus botes.

O "Heptacordio" foi idealisado para o deleite maximo dos artistas consagrados e dos litteratos supernos; é o desdobramento do "Plectro", seu livro de estrea, attingindo a Perfeição.

Nos sonetos da sua divina Musa não ha essa "banalidade vulgar e desolante do commum das poesias escriptas por mulheres," de que nos fala João Ribeiro, no prefacio dos "Marmores", de Francisca Julia. Nelles não se nota o planger do romantismo cadivo; sobresae, pelo contrario, a fidalga distincção dos eleitos da esthetica moderna, em todas as suas fórmas luculentas e bellas.

Ibrantina Cardona é da camandula dos iniciadores da poesia impessoal, ou puramente descriptiva; pertence á fileira dos cinzeladores do verso, dos incomparaveis cultores da fórma e da perfeição, dos buriladores da rima, que tiveram

por magnos artesanos Banville, Leconte de Lisle e Heredia, na França; Alberto de Oliveira, Bilac e Raymundo Corrêa, no Brasil.

E' ella propria que o confessa no seu **Sonho de artista:**

No anseio de subir á resplendente altura
Do teu pouso sereno, Arte divina e eleita,
Sem trégua, luto e canto; á forja que o tortura,
O verso achego e bato; ao meu suor sujeita,

Tôrço a fórma e a retôrço; abro, á cinzeladura,
O estylo; engasto á phrase a rima que deleita;
D'alma vibratil dou-lhe a harmonia, a flexura;
Dou-lhe a expressão e o animo; ergo a idéa perfeita.

. . . .

O "Heptacordio" está dividido em quatro partes distinctas: **Cordas, Vibrações bellicas, Culto pagão** e **Vibrações lyricas.**

Abre-o uma suggestiva **Invocação** que a auctora dirige á Musa:

Musa, estrella do verso, alma com que propago,
Mercê da tua graça, o bem que me extasia,
Dá que eu cante, serena, ao teu influxo mago,
Dá-me a nobre altivez de eleita da poesia.

. . . .

. . . . . . tange-me n'alma a corda
harmonica do verso; e de áureos raios bórda
A módula canção que aos labios me aflorar.

E baixa o teu Amen, ó Musa protectora,
Por sobre a invocação da ousada sonhadora,
Que as córdas do **Heptacordio** afina, e vae cantar.

Após, n'uma successão de melodiosas notas, Ibrantina offerece ao bom gosto artistico do publico esclarecido as suas formosas concepções, cheias de belleza classica e de magnificencias éthnicas.

Evoca-nos os esplendores da Grecia, das civilisações extinctas, n'uma exaltação seducente; canta as maravilhas do Oriente, desse Egypto lendario dos Pharaós e, chegando até nós, concebe quadros bellicos magistraes, em rythmos ahéneos, que vibram como clarins.

Canta, em sonetos de porphyro e oiro, **O aeroplano de guerra**, e termina:

. . . .

Ora abaixo, ora acima, as espiraes desdobra;
Dentre a nuvem se occulta; e fugindo á manobra
Do adverso caçador, o choque no ar atalha.

Numa estrategia heroica, a investida traceja,
E da altura em que espreita á bellica peleja,
Por sobre a terra, jóga o explosivo e a metralha.

Canta **O submarino**, e conclue:

. . . .

De emboscada, sob a agua embravecida ou mansa,
Não se lhe ouve sequer um levissimo ruido;
Porém, quando o torpedo á quilha adversa lança,

Nada ha que o estrondo impeça e que os seus damnos córte:
Como um genio do mal, pela guerra impellido,
O submarino espalha a destruição e a morte.

Canta o **O canhão**, e finalisa:

. . . .

Na campanha do mal, mais rapido que uma aza,
Raio de acção, diffunde a morte, a derrocada,
A humanidade prostra, e as cidades arrasa.

E assim — bocca de fogo e da furia que aterra,
Desde a zona de sangue, á montanha, á esplanada,
Formidando, o canhão abala o espaço e a terra.

Canta ainda, **O clarim, A espada, O porta-bandeira, O soldado, O prisioneiro, A guerra, A dama da Cruz Vermelha, A paz** e, por ultimo, fecha a serie com aurea chave, enaltecendo **A Bandeira do Brasil:**

. . . .

Sob o seu pallio augusto, ao som do hymno sagrado,
Vibra a voz da justiça e freme a liberdade;
Falam glorias de heróes e bravos do passado.

E, a ouvil-os ao Pendão, de joelhos a alma inteira,
Mal contenho esse ardor da emoção que me invade,
E o orgulho que me ufana a alma de brasileira.

A imaginação da poetisa é pennipotente, vôa alto, perlavada pelo sentimento, ora lyrica e descriptiva, ora heroica, e

assim nos relembra as esphinges, as pyramides, o areial, as miragens do Oriente, os dromedarios, o simoun; fala nos de Aphrodite, de Hercules, de Theseu, de Ariana, de Jason e de Pan, revivendo os tempos fabulosos, em versos selectos e de custoso lavor artistico.

Ouvimos, enlevados pela phantasia, os sons isóchronos que os seus dedos vibrateis sabem ferir nesse **Heptacordio** magico que ella herdou dos deuses, num dia em que deambulou pelo Olympo.

Leiamos, na integra, um de seus sonetos:

A ESPHINGE

Corpo de leôa, extenso; alta, a cabeça humana,
Na mole millenar, em tranquilla postura,
A esphinge se debruça... Arda a umbella africana,
E escalde o areal que ao sol flammivomo fulgura,

Ruja o sirôco atroz que o céo fustiga e empana,
Da esphinge o mesmo olhar, perdido na planura,
Impassivel, abstracto, encontra a caravana
Que lhe perscrute um gesto e fite a catadura.

A' destruidora acção do tempo, resistente,
Seu vulto colossal que os seculos attinge,
E' o marco do terror da dynastia ingente,

Symbolo da éra atroz, para a terra e o infinito,
Da escravidão que a ergueu, toda mysterio, a esphinge
Guarda a tortura e a dôr, no seio de granito.

E são assim todos os seus versos. O seu poder descriptivo, o vigor de seus traços, a belleza de suas tintas dão ás suas concepções que possuem, como eu já disse algures, a rigidez dos marmores de Carrara e as sonoridades dos bronzes florentinos.

Em qualquer uma das partes em que está dividido o livro, Ibrantina é sempre a mesma artista de astro alcandorado e plástico.

Tasso da Silveira que prefere ao parnasianismo terso e vibratil, as tentativas de inovação por que tem passado nestes ultimos annos de ankilose espiritual a poesia no Brasil; que é, como tantos outros, adverso á escola que Theodoro de Banville iniciou na França, confessa não duvidar que "em moldes parnasianos ainda possam ser vasados, entre nós, vibrantes poemas duradouros".

E tem razão de assim pensar o grande poeta e vigoroso analysta. Ibrantina Cardona está nos casos de ser creadora de um desses poemas, pois sabe dar ao verso "estremecimentos ineditos, e transmittir-lhe a força dynamica da emoção fundamente sentida''. Afasta-se por completo do commum dos neo-parnasianos que deslustram a escola. O seu livro "Cleopatra'', que nos annuncia para breve, vae ser, de certo, um daquelles poemas duradouros. Esperemol-o.

Aqui deixo adumbrado, como noticiarista, o que é o "**Heptacordio**'', de Ibrantina Cardona, que nos faz pensar na harpa eolia de Schnell; compete agora ao critico a missão de esmiuçar-lhe as bellezas, galardoando a autora com o laurel dos predestinados.

.J. EUSTACHIO DE AZEVEDO.

(Da Academia Pernambucana de Letras).

⊛

IBRANTINA CARDONA

Heptacordio — Typographia **Sociedade Olegario Ribeiro, S. Paulo, 1922**

Veiu-nos ás mãos, pelo ultimo correio de S. Paulo, o fragrante livro de versos de Ibrantina Cardona — **Heptacordio,** verdadeira harpa eolia a vibrar as mais intensas e originaes harmonias, nas mãos sabias dessa lapidaria do verso.

Embora a sua linda **plaquette** de 104 paginas, nitidamente impressas na Sociedade Editora de Olegario Ribeiro, de S. Paulo, trescale uma onda embriagante de lyrismo, Ibrantina Cardona é positivamente uma poetiza parnaseana, no que concerne á forma e á escolha dos assumptos.

Esse caracteristico imprime-lhe uma nobreza distincta na taxeonomia dos nossos vates contemporaneos.

O **Heptacordio** compõe-se de sonetos na sua grande maioria, sem que entretanto, outras fórmas poeticas, como sejam o tercetto, as quadras decassyllabas e septisyllabas hajam sido negligenciadas pela escriptora magistral, a que nos estamos referindo.

O seu metro preferencial é o alexandrino classico, dividido em dois hemistichios, ao modo da escola franceza; mas não se creia que disso resulta monotonia para as estrophes do **Heptacordio,** onde a syntaxe pura, o engenho de locuções, a variedade de rythmos cream a cada momento os mais graciosos modelos artisticos.

A sra. Ibrantina Cardona não é uma estreante nas letras. O seu nome já vem desde longo tempo aureolado de notoriedade pelas creações e louçanias do seu estro.

E' mesmo ambidestro o seu talento, porque ella utiliza indistinctamente o verso e a prosa, para exprimir as suas idéas e pensamentos.

O symbolo nominal do **Heptacordio** vem representado pela artista rutilante em sete sonêtos, que se denominam — **Alegria, Tristeza, Ciume, Amor, Saudade, Dôr, Lyrismo.**

Como vêm, o cyclo daquellas emoções, que podem arrastar ás lagrimas ou a estados psychicos emotivos, encerra-o ella na fórma lyrica, que é a mesma expressão de que se serve a autora do livro, para communicar aos outros os arroubos de sua alma, os requintes da sua sensibilidade.

Não podemos nesta mui bispontada noticia abranger toda a esthetica do **Heptacordio,** que é um livro salutar, cheio de graça, de vida e de harmonia.

Apenas falaremos ainda da segunda parte, intitulada **Vibrações Belicas** , daqual extrahimos o subsequente soneto — **O aeroplano de Guerra** que nos faz lembrar os meticulosos processos litterarios de Léconte de Lisle:

Aza electrica e audaz que aos ares arrebata,
Num arrojado vôo, o homem que a determina,
O aeroplano veloz — aligera fragata,
Dos espaços conquista a rota peregrina.

Freme, ronca o motor que o impulso lhe desata,
Sob o pallio do sol, ou entre o véo da neblina;
E a sua bulha lembra um ruido de cascata,
E o seu vulto o condor que á luta se destina.

Ora abaixo, ou acima, as aspiraes desdobra;
Dentre a nuvem se occulta; e fugindo á manobra
Do adverso caçador, o choque no ar atalha.

Numa estrategia heroica, a investida traceja,
E, da altura em que espreita á bellica peleja,
Por sobre a terra joga o explosivo e a metralha.

CARLOS DIAS FERNANDES

(**Da União**, da Parahyba, 1923).

IBRANTINA CARDONA

HEPTACORDIO, poesias. Typographia da Sociedade Olegario Ribeiro, S. Paulo, 1923. Pags. 104.

Ibrantina Cardona não nos é estranha através seus magnificos versos do **Plectro**, que de longo tempo vimos apreciando pela perfeição, pela belleza dos symbolos e sobretudo pela feição original de que elles se revestem.

Lá, na silenciosa Mogy-Mirim, onde vive a illustrada poetisa fluminense, na serena paz de seu retiro, sua alma evoca as Musas e dedilha as cordas da sua lyra com uma firmeza que enthusiasma. Os seus maravilhoso sonetos alexandrinos, de uma parnasianismo sadio, brotam com delicados rithmos, ora dando uma feição do sentimento, ora patenteando um aspecto da natureza, sempre com brilhos de luz, dessa luz que ella vê, que a illumina e purifica o amor, a fé, a esperança, consolo de alma que faz obscurecer a materialidade da vida para só vencer, fluir sobre tudo, predominar no scenario do idealismo, a espiritualidade que lhe é a visão de arte e de sentimento.

Reunindo os trabalhos, tecidos assim caprichosamente, fez Ibrantina Cardona publicar seu livro "Heptacordio", que traz o cunho de obra definitiva da illustrada poetisa.

Ahi ella procurou pôr em methodo as series de sonetos, que se dividem em "Cordas", de um lyrismo encantador; "Vibrações Bellicas" em que a delicada artista fala dos elementos da guerra; "Culto Pagão", que reune diversos sonetos sobre as figuras e obras do paganismo, e de um pantheismo, em que a poetisa vê a influencia de uma entidade immortal dando contornos, luz, brilho, sopro, vida e sentimento, á natureza em suas variadas manifestações.

Vem por fim "Vibrações Lyricas", serie de versos de uma espiritualidade finissima.

Ibrantina Cardona — gloria da intellectualidade feminina, — com o seu inspirado e artistico **Heptacordio** se colloca brilhantemente ao lado dos maiores poetas do Brasil.

(Do **Diario da Tarde**, de Curityba, de 27 de Dezembro de 1922)

⊠

HEPTACORDIO

Quando conheci Ibrantina Cardona através da leitura de seus primeiros versos enfeixados naquelle encantador volume de "Plectro", não pude resistir ao vehemente impulso de admiração, que me inspirou a chamma de seu fulgurante talento.

Dahi para deante foi só mantêl-a em logar distincto, no delubro do meu conceito.

Não era que Ibrantina bordasse versos com mais esforçada perfeição que os outros poetas de sua lingua. Dentre a flôr da intellectualidade feminina, praticando o verso, ella distinguia-se pelo apuro da habilidade technica, valendo-lhe isto a distincção com que em Portugal salientaram o seu nome dentre os de Adelina Lopes Vieira, que tambem fez romance e theatro, Narcisa Amalia, Francisca Julia, Aurea Pires e Auta de Souza.

Mas, é que ella põe nos versos toda a sua alma; é que os mais fortes e leaes sentimentos de sua grande alma ella faz que vibrem intensa e harmoniosamente nos versos; como vehemente affirmação da vontade, que é a grande força coroadora de suas alacres victorias na arena da vida littrearia.

Houve quem dissesse que na linguagem de amor o crystal de sua poetica se aclara em maior limpidez de verdade e convicção, visto que ahi até as palavras valem o que pesam, rolando como os estilhaços ardentes de um vulcão chammejante. Esse asserto corrobora a affirmativa de que, muito sincera, a autora de **Plectro** põe sua alma por sobre a florescencia da poesia, como mais suave perfume da pujante inspiração.

Que se poderá agora dizer de **Heptacordio** recem-apparecido?

Dentro desse livro ha a resonancia tocante das cordas da alegria, da tristeza, do amor, do ciume, da saudade, da dôr, do lyrismo.

Nelle estão as sete cordas vibrateis e a caixa sonora do nobre instrumento, de que arranca a poetisa as mais dulcifluas harmonias de altinonante éstro lyrico.

Quer descante, em adagio, a magua que escrucia,
Quer, vivace, gorgeie a nota da alegria,
Meu verso chora ou ri... Gôso ao soffrer enlaço.

E provando-os assim, nas horas em que scismo,
Toda minh'alma vibra; e ao tono do lyrismo
Eu tanjo do Heptacordio as sete cordas de aço.

Mas ha tambem vibrações bellicas. E ouvem-se ferir as notas metallicas do clarim, que dirige companhias, que move regimentos, que supre a voz de commando, accendendo no coração do soldado a chamma de incitamento á luta:

O enthusiasmo, e a bravura impõem-se: de ala em ala
Crescem ancias de luta e planos de derrota;
E', que, a ouvir o clarim vibrando, nota a nota,
Pela gloria da Patria o exercito se abala.

E logo o bater cadenciado, e secco, e justo da marcha do soldado. Sôa depois a voz sinistra e furibunda do canhão:

Bocca de aço da guerra e terror da tormenta,
Bocca em que a raiva estúa e tonitrôa e esvoaça,
Eil-a que descarrega a metralha violenta,
Sob flammas de fogo e nuvens de fumaça.

Fechando o cyclo das vibrações bellicas, o patriotismo da autora desfere um hymno á bandeira do Brasil:

Symbolo do esplendor da prodiga natura,
O seu vulto de euclasa o topasio recama;
E o Pendão, orbe de ouro e saphira, fulgura,
Como céo tropical de estrellas, todo em flamma.

Em seguida vem o culto pagão, onde se celebra Hercules, semi-Deus e vulto de epopéa; e Pan, de alma contricta e mansa, fazendo da cana de nymyhéa a primitiva flauta; e Aphrodite, que da férvida espuma do mar alteia a figura triumphante...

Vibrações lyricas são o aureo fecho do livro. Nesta parte canta a autora um sonho de artista, como canta a patria d'alma, a terra natal, uma ilha verde, uma aspiração, a nostalgia, etc.

Ha nos versos de I. C. um signal de caracter, que é como o sello de sua individualidade: é a firme expressão de lealdade com que authentica as mais frivolas como as mais preciosas revelações de seu intimo peito.

Effectivamente, dentre as dignas qualidades que pode exalçar o merito do artista da palavra escripta, essa tem sobre as outras um raro brilho, provocador de franca admiração.

Em "Ave extranha" ella solta um canto de expressão tão doce e de sinceridade tão firme, que irresistivelmente arrebata. Suggere no dizer a crystalisação da nobreza de sentimento que Chopin fixou na commovedora harmonia da celebre valsa n. 11; porque no lyrismo ella explora uma clave nova, a que Araripe Junior chamou clave da ternura, sem lagrimas e sem a morbida tristeza dos amores vagos e das aspirações incomprehendidas.

Aqui se revela o enleio de meiga creatura que, embriagada de fagueiras promessas de amôr, e bebendo sempre os philtros da seducção que lhe propina o bem amado, bate azas em busca de outra plaga, como ave estranha que olvida o pouso para outro pouso mais risonho alcançar.

Eis a fixação do sonho eterno, da eterna illusão do ser humano, a fugir sempre da crúa realidade em busca do inaccessivel! E depois, ainda "como ave doida e afflicta, que sentisse do ciume o ferrenho alicate torcer seu coração, premendo-o na desdita", contempla desoladamente a morte da illusão, debatendo-se como no louco anceio daquelle desvairado artista, que, querendo surprehender a alma da estatua que lavrou com tanta perfeição, em vão tenta arrancal-a á pedra, ahi correndo as mãos espalmadas, crispados os dedos, e sofrego, batendo o cinzel, acima, abaixo, nos flancos, no alto, tirando lascas de pedra, fragmentos que fulgem e voam como minusculos coriscos, luzindo ao choque do cinzel.

Em vão!

Bellissimo livro o — **Heptacordio**, affirmador da reputação poetica de quem não a tivesse, e da glorificação da admirada e insigne autora.

EUSTACHIO GOMES

D' **A Noticia**, de Recife)

⊛

HEPTACORDIO

Poesias de Ibrantina Cardona — Typographia da Sociedade Editora Olegario Ribeiro, S. Paulo, 1922 — Pags. 104.

. . . .

Tenho sobre a mesa o "Heptacordio", ultimo livro de poesias de d. Ibrantina Cardona.

Ha alguns annos, já escrevi sobre "Plectro", da mesma autora, e o juizo que então externei foi inspirado na impressão que me despertou a leitura do livro, de essencia absolutamente lyrica, revelador de um temperamento sensitivo e vibratil.

Em "Heptacordio" a poetisa fére uma corda muito differente do "Plectro", sem comtudo sacrificar a crystalina expontaneidade poetica.

Neste seu novo livro não ha o calor, o enlevo amoroso que se encontram no "Plectro", e a começar pela "Invocação", com que abre o volume, a poetisa conserva a mesma attitude serena, de artista da fórma.

Na "Invocação" diz a poetisa:

Musa, estrella do verso, alma com que propago,
Mercê da tua graça, o bem que me extasia,
Dá que eu cante, serena, ao teu influxo mago,
Dá-me a nobre altivez de eleita da poesia.

Crente, a minha alma exora, e grata, em ti confia;
Nos labios trago o riso; a fé no seio trago;
E ao teu vulto me inclino, a implorar-te uma estria,
De luz ao meu roteiro; acolhe, com affago,

Minha supplica ideal; tange-me n'alma a corda
Harmonica do verso, e de aureos raios borda
A modula canção que aos labios me aflorar.

E baixa o teu amen, ó Musa protectora,
Por sobre a invocação da ousada sonhadora
Que as cordas do "Heptacordio", afina e vae cantar.

Veja-se, aqui, como a poetisa, chamando-se a si mesma sonhadora, diz afinar as cordas do "Heptacordio" — para cantar, por ventura, as mil e uma seducções e delicias do sonho? Não.

O que começa por cantar é a "Alegria":

Que exhortadora voz, vibrando, em torno, escuto?
. . . .
Minh'alma está cantando o "Scherzo" da alegria.

E' certamente para os tristes como eu, um doce conforto vêr que a alegria ainda vive, saudavel e exhortadora, no coração dos poetas.

A alegria é o aroma da alma, a luz da vida, e felizes os eleitos do céo, que a podem cantar em verso.

D. Ibrantina Cardona canta-a, serenamente, naturalmente, sem se servir de imagens estridentes para engalanar a estrophe.

E passando, sempre em versos correctos, pela "Tristeza": "Desfibra o coração todo em pranto e tristeza", como diz, e sonetisa sobre o "Ciume": "o odio que fere, sangra e mata", sobre a "Saudade", que

São as sombras que eu amo; andam no meu roteiro
Ephemero da terra, emquanto eu me recato,
Dentro no ádito d'alma e, como n'um mosteiro.
Reza meu coração, de saudades compacto...

Depois a "Dôr":

...Qual nigerrimo côrvo
Que ronda, atento a vez em que á presa arremetta,
Tu vens: o olhar feroz, o aspecto sempre torvo...

Feição transfigurada, olheiras de violeta,
Teu veneno lethal, eu, impotente, absorvo,
Incita-te o tormento, e ás puadas, e á lanceta,
Da tua acção de algoz, jamais se enfrenta o estorvo.

Mas, depois, a sonhadora, no mesmo primoroso versejar, passa a cantar o "aeroplano de guerra": "Aza electrica e audaz que aos ares arrebata"; o "submarino": "Invectiva fatal do moderno vulcano"; "o canhão": Bocca de aço da guerra e terror da tormenta: "o clarim"; "irradiando a aurea voz pela explanada immota"; a Dama da Cruz Vermelha, o Porta Bandeira, o Soldado, a Espada, a Paz, etc.

Em themas tão diversos e assás difficeis para um delicado temperamento feminino, o estro de d. Ibratina Cardona vibra no mesmo tom em que poetou sobre a tristeza, o ciume e a saudade.

Nada de imagens berrantes e de termos escolhidos e bimbalhantes.

A sua musa é fidalga e sobria, tem sonoridades recondictas e vibrações intensas.

A sua forma é trabalhada e fina, a sua arte suggestiva e brilhante.

. . . .

Não obstante d. Ibrantina Cardona ferir em Heptacordio outra corda muito diversa do seu primero livro de versos, **Plectro**, em que se revela a nota predominante do seu subjectivismo, não raras vezes a sua alma e o seu coração palpitam fortemente emocionados, em **Heptacordio**, acompanhando as vibrações do seu estro de rythmo largo e fórma perfeita, como no soneto que encerra a primeira parte do seu livro, que tem por titulo "A Bandeira do Brasil":

"Sob o seu pallio augusto, ao som do hymno sagrado,
Vibra a voz da justiça e freme a liberdade;
Fallam glorias de heroes e bravos do passado.

E, a ouvil-os ao Pendão, de joelhos a alma inteira,
Mal contenho esse ardor da emoção que me invade,
E o orgulho que me ufana a alma de brasileira."

"Culto Pagão" denominou a poetisa a segunda parte do seu livro, indo buscar á mythologia os themas para a maioria das producções que esta parte encerra. Em "Vibrações Lyricas", ultima parte do "Heptacordio", ha suavidades evocativas de terra idolatrada e distante, nostalgias de céos longinquos, e, como que a errar sobre isso tudo um aroma de passado, subtil e melancolico.

Neste seu novo livro mais uma vez se affirmam o forte talento e o fino engenho artistico de d. Ibrantina Cardona que de ha muito é, pela critica litteraria, uma poetisa consagrada.

ZEFERINO BRASIL

(Do **Correio do Povo** de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, de 2 de Dezembro — 1922)

⊛

IBRANTINA CARDONA

Heptacordio, poesias. Typographia da **Sociedade Olegario Ribeiro.** Anno 1922. Pags. 104.

Numa epoca em que a producção dos tecidos accusa um decrescimo espantoso, por julgarem-no um artigo "quasi desnecessario"; numa epoca em que o papel destinado á confecção dos livros foi transformado em papel filtro, cuja propriedade é apenas reter impurezas, o apparecimento de um livro importa no tormentoso receio de que elle venha contribuir para augmentar os attestados do rebaixamento moral a que chagamos.

Quando porém se nos depara um livro como o HEPTACORDIO, logo ao desfolhar a primeira pagina elle dissipa esse receio — tão elevado, tão honesto e tão sublime é elle.

Por isso, a sua leitura faz bem, como bem faria o oxygenio de um Oasis a alguem que tivesse transposto um immenso areal, esteril e fofo, bafejado por uma atmosphera morna, perniciosa como tudo que é fofo e morno...

De que nos falla HEPTACORDIO?

Quedae-vos, primeiro, respeitosamente, leitores, tal como fazeis ante um altar. Elle falla da nossa bandeira, do clarim, do canhão, do aeroplano, do submarino, da Dama da Cruz Vermelha, do Naufragio, da Paz e de outras bellissimas coisas, todas ditas em primorosos versos, cuja sonoridade de bronze e pureza nobre em nada se assemelham ás de alguns

"crystaes partidos"... ou inteiros, que por ahi andam como uma afronta ao decoro.

Para que o leitor tenha uma pallida idéa de HEPTACORDIO, vamos transportar para esta columna um dos seus sonetos das **vibrações bellicas:**

O PORTA BANDEIRA

Ruge o canhão, retine a espada que retalha;
E da gloria ou da morte ás tormentas exposta,
Energica a legião de homens bravos composta,
A' voz da guerra bruta, atira-se á batalha...

Choques, detonações, desde a planicie á encosta,
Perdem-se dentre o fumo espesso que se espalha,
Como estranho lençol de tragica mortalha...
Joven tenente audaz que o sacrificio arrosta,

Do vencido esquadrão, quase que o alento findo,
A bandeira defende, aperta-a ao peito em sangue;
De subito, o estilhaço o prostra; e, ao chão cahindo,

Do seu amor expressa a prova derradeira:
Viva a Patria... murmura, esforçando-se, exangue,
E morre como heroe, abraçado á bandeira.

Sem termos a pretenção de fazer critica, o nosso intento é apenas manifestar a nossa admiração por HEPTACORDIO. E ella augmenta pelo facto de ter sido escripto por uma Mulher — Ibrantina Cardona, a qual veio collocar em duvida o adjectivo "masculo" como synonimo de robustez intellectual.

HEPTACORDIO é a revelação de um espirito culto e são, superiormente organisado e profundamente observador.

HEPTACORDIO sobre ser um livro inspirado, de incontestavel belleza artistica, admiravel pela sua forma e essencia, está em contraste formidavel com a poesia banal, anarchisada e licenciosa que tem apparecido ultimamente.

HEPTACORDIO é a expressão da arte pura, da arte verdadeira que atravessará todos os tempos.

A' grande artista do verso, os nossos applausos de admiração.

D' **O Democrata,** de Jaboticabal, de 21 de Nov.)

"HEPTACORDIO"

Versos de Ibrantina Cardona

Ibrantina Cardona viu n'um crepusculo de outomno, o jardim do mysterio e a agua encantada. Encheu-se-lhe o coração de alegria e fé, e em suas mãos fidalgas, o Heptacordio soou, recordando o aroma perturbador das flores bizarras e a belleza silenciosa dos marmores divinos. Cantou a gloria de amar e consolo das penas, a guerra e os seus heroes, sua terra e sua gente, a alegria de ser mulher e orgulho de ser brasileira.

Nunca mais poude esmaicer da retina, os incendidos e claros horizontes, onde Leconte voara, como uma grande aguia de oiro. "Heptacordio", com Aphrodite, cercada de tritões, no mar azul, Hercules, carnudo e masculo com a pelle do Leão nos hombros hirsutos, Pan, d'olhos côr d'agua morta e pés da rainha Pedauque, Theseu, vencedor de monstros, Ariana, Dido que não teve Virgilio, Jason, o dominio humano sobre o medo e a magia, sol-posto, manhãs e tardes, partidas de naus aventureiras e naufragios aterradores, elevam n'um rito de exemplo e consagração, a taça das pedrárias heredianas.

Anoitecera em mim o ceu parnasiano. Ibrantina Cardona illumina-o com o seu verso. irmão de Francisca Julia, derradeiro palinuro da frota victoriosa.

Todo 'Heptacordio'', tão distante de minha alma, reanima um povo fantasmagorico de deuses e heroes lendarios. Arabescos e palmas de acantos, frisos, cinzeladuras e arremessos de corucheus e columnas brancas, ruas de myrtho e rozas que eu esquecera, passaram, em meu coração n'uma ronda cadenciada de dansa lithurgica.

Para esta Poesia, de forma, gravidade e som; para este verso magistral e sonoro, austero e grave, pomposo e lento, Ibrantina Cardona, dentro da sua inspiração e seu talento, deve repetir o canto de Pindaro, a Appollo, senhor do carro rutilante. **Musa, guarda os teus oraculos: sou eu quem prophetisará em teu nome.**

LUIS DA CAMARA CASCUDO.

Rio Grande do Norte — Natal .

⊛

IBRANTINA CARDONA

"Heptacordio", poesia. Typographia da "Sociedade Editora Olegario Ribeiro". — S. Paulo. Anno de 1922. Pags. 104.

Temos em mãos outro livro bem da illustre autora do **Plectro**, Ibrantina Cardona, subordinado ao titulo geral de **Heptacordio**.

Conhecemos Ibrantina Cardona, como escriptora e poetisa de valor, desde 1910, quer dizer, ha doze annos, quando começamos a nossa vida de imprensa.

Os seus versos são masculos e de esmerada forma; encantam pelo fulgor do estylo, pela rqueza do vocabulario, e são de substancia que foge á futilidade.

Como exemplos eloquentes, citaremos dois bellos sonetos, um de decassyllabos, das **Vibrações bellicas**, outro de alexandrinos do **Culto Pagão.**

DAMA DA CRUZ VERMELHA

Filha eleita da Patria, a quem a chamma
De um sentimento nobre a alma domina,
Pela piedade que só o bem derrama,
Cabe-te a graça da missão divina.

Teu gesto, como aquelle que proclama
De Jesus Christo a fraternal doutrina,
Aureóla a tua fronte, ó nobre dama,
De esplendores de gloria te illumina.

E assim é que o teu vulto assoma em tudo,
Quando estancas o sangue que se espalha,
Com tuas mãos tecidas de velludo.

Quando em missão piedosa de enfermeira,
Ao soldado, no campo da batalha,
Os olhos cerras, na hora derradeira.

HERCULES

Garras distende a fera, eriça a juba crassa,
Avança; e, corpo a corpo, em sanguinaria luta,
Hercules, punhos de aço, o leão esmurraça,
Patas estorce, afronta a colera, reluta.

Desnudo o corpo, em sangue, as mãos livres da maça,
Peito arfante, revolta a cabelleira hirsuta,
De Argolida o Titan que não teme a desgraça,
Contra o monstro resiste, e o preme, a força bruta.

Echoam, dentre a matta, os aulidos da fera;
Foge a ave espavorida, ante a luta corporea,
Um panico terror do bosque se apodera.

E Hercules, semi-Deus e vulto de epopéa,
No olhar de vencedor o orgulho da victoria,
Aos seus pés vê, morrendo, o leão da Neméa.

Heptacordio é livro artistico, cheio de inspiração, sentimento e belleza, e como tal honra ás nossas letras.

A' sua illustre autora os nossos parabens por mais esse ruidoso triumpho que a colloca em logar de destaque, entre os vultos mais brilhantes da literatura poetica do Brasil.

ALTAMIRANDO REQUIÃO

(Do **Diario de Noticias**, da Bahia de 20 de outubro).

⊛

IBRANTINA CARDONA

HEPTACORDIO, poesias. **Typographia da Sociedade Olegario Ribeiro, S. Paulo, 1922. Pags. 104.**

A brilhante escriptora fluminense, autora do **Plectro**, Ibrantina Cardona, verdadeira organisação de artista, publicou recentemente um bello e magistral volume de poesias, com a denominação geral de "**Heptacordio**". Quem, por ventura desconheça os meritos intellectuaes de Ibrantina Cardona, poderá saber do seu valor através das apreciações feitas a esse admiravel primor literario, que é o "**Heptacordio**".

As maiores individualidades literarias do nosso paiz, receberam esse livro com incontido enthusiasmo, tecendo á illustre poetisa os mais justos encomios.

Ibrantina Cardona é, de facto, um dos mais robustos talentos da mulher culta que de ha muito occupa logar saliente na literatura do Brasil, como brilhante cultora da arte do verso.

(D'**A Imprensa** de Tubarão, Estado de Santa Catharina, de 24 de dezembro de 1922)

IBRANTINA CARDONA

Heptacordio — poesias de Ibrantina Cardona. Typ. Editora Olegario Ribeiro, S. Paulo, 1922.

E' com a mais viva satisfação que accusamos o recebimento do recente volume de poesias, que publicou Ibrantina Cardona, com o sonoro e vibrante titulo de Heptacordio. Sobre este livro, que é uma linda brochura contendo para mais de 100 paginas, impressas em optimo papel, já nos referimos com o carinho que nos merece a sua auctora, publicando, em um dos nossos numeros passados, judiciosa chronica litteraria do nosso illustre collaborador J. Eustachio de Azevedo, referente ao mesmo.

Ibrantina Cardona, que nos tem honrado com a sua preciosa collaboração, podemos dizer, é um dos nomes de poetisas que enaltecem e enchem de orgulho as nossas letras.

Possuidora de variada e solida cultura, a artista patenteia o seu culto pelo maravilhoso parnasianismo, rendilhando estrophes, encaixando rimas sonoras, creando versos bizarros. O seu livro, como obra de arte e emoção, divide-se em "Cordas", "Vibrações Bellicas", "Culto pagão" e "Vibrações lyricas", sendo quasi todo escripto em sonetos alexandrinos, de harmoniosa perfeição na fórma. Gratos á gentileza da distncta poetisa em nos offerecer um exemplar do "Heptacordio", fazemos votos para que o seu livro obtenha o mais franco e merecido successo.

(D'A **Semana**, de Belem do Pará, de 24 de Junho).

⊛

"HEPTACORDIO"

Versos de Ibrantina Cardona — 1922

No meio desta poesia anormal e bizarra ora feita em o Mundo litterario, o **Heptacordio** realisa o sonho de uma obra de belleza serena, majestosa e grave.

Accresce ao merito de ser vultuoso e largo, o resurgimento de uma nova phase do parnasianismo.

Lyra omnimoda e polyphona, **Heptacordio** é todo sonoridade, cor, luz e rythmo.

Os sonetos de motivos mythologicos nucleam uma serie d'aguas fortes.

Parabens a Ibrantina Cardona pela sua maravilhosa realisàção artistica.

(D'A **Imprensa** de Natal, Rio Grande do Norte).

IBRANTINA CARDONA

"Heptacordio", poesias, Sociedade editora Olegario Ribeiro. S. Paulo, 1922.

Dizer-se qualquer coisa de um livro de poesias, mesmo sem pretenções á critica, constitue tarefa difficil. Raramente se vê um reparo bem feito. E para o autor é tanto mais doloroso verificar que não foi comprehendida a sua obra, quer o elogio seja demasiado, quer a censura seja exaggerada. Em uma obra poética não se deve apreciar sómente a feitura material do verso e da lingua, nem somente a espiritualidade. Da concatenação desses dous elementos — um material, outro espiritual, — é que se forma, a meu vêr, a obra de Arte.

Pessoas ha, e os criticos em geral, que criticam uma obra sem comprehendel-a, sem procurar interpretar o seu espirito, mas levados simplesmente por sentimentos de sympathia, ou antipathia, ou ainda por affinidades de escolas.

D. Ibrntina Cardona, porém, já é um nome feito nas Letras e já galgou a viacrucis da nossa bárbara critica indigena, e o seu nome fulgura como de êmula de Francisca Julia, a immorredoira parnasiana paulista.

D. Ibrantina Cardona que iniciou a sua carreira literaria, no verdor dos annos, com o seu livro de poesias — **Plectro**, publicado em S. Paulo, é hoje um espirito amadurecido no estudo.

O seu **Heptacordio** é trabalho de arte, bem pensado, concatenado e dividido.

Começa com uma "Invocação" e divide-se depois nas quatro partes — "Cordas", "Vibrações Bellicas", "Culto Pagão" e "Vibrações Liricas".

A primeira parte é de sentimentos — "Alegria", "Tristeza", "Amor", "Ciume", "Saudade", "Dor" e "Lirismo".

A segunda parte, que é uma das maiores, a das "Vibrações Bellicas", caracterisa o espirito forte, masculo, da autora. Ahi são decantados "O Aeroplano de guerra", "O submarino", "O canhão", "O clarim", "A dama da cruz-vermelha", "O porta bandeira", "A guerra", "A paz", "A bandeira do Brasil".

Na terceira parte, que é a maior de todas, cremos que é onde está a alma vibratil da autora do "Heptacordio", com os motivos gregos, fonte perenne e inexgottavel da poesia, principalmente parnasiana — "Aphrodite", "Hercules", "Pan", ahi têm o seu logar.

Na quarta parte estão consubstanciados os sentimentos intimos da autora, como em "Sonho de Artista", "Patria d'Alma",

"Terra Natal", "Terra dos Pampas", "Devaneio", "Rosas" e outras.

Da leitura cuidadosa desse vasta seara opima, tem-se a impressão de que a autora é uma Poetisa na estensão da palavra, com a exactidão dos conceitos, que pesa as palavras e joeira as idéas e engasta as rimas. Maneja o vocabulario vasto da lingua e applica-o com exactidão, sem superfluidades berrantes, méde o verso e cadencia-o e pule-o, com arte, amor e consciencia, e attinge uma perfeição solenne. Senão vejamos:

TERRA DOS PAMPAS

"Plaga altiva de heróes, onde o pampa se esplana,
E o minuano o esfrola e ás grimpas atenaza,
Quizera ver-te o sol de aurifulgida gaza,
E ainda, ao rude mar ouvir a vaga insana.

Rente as dunas que o vento, eterno, erige e arrasa,
Podesse, ao peito nú, colher a onda, e ufana,
Quando o sol de ouro vivo ás praias engalana,
Pés descalços, correr, mais lépida que uma aza.

Foi assim que aspirei tua seiva bravia;
Por isso, de ti trago, ó terra, essa energia,
Que impulsiona a minha'alma e propelle o meu passo.

A evocarte, de longe, em sonhos que reanimas,
Do mesmo affecto antigo abrolham-me estas rimas,
E da mesma saudade enfloro o teu regaço."

MILTON DA CRUZ

D'**A Patria** de Bagé, de 3 de Fevereiro de 1923.

⊛

"HEPTACORDIO"

Poesias de Ibrantina Cardona

Il est indéniable que le Brésil traverse actuellement une phase extrêmement brillante dans la branche des lettres. Ecrivains et poètes de valeur foisonnent, et parmi eux, nombreuses sont les figures de premier plan. Lá encore, et mieux qu'ailleurs, la femme fait montre de qualités extrêmement rares, poussées á l'extrême grâce á sa sensibilité si délicate. Nous avons sous les yeux "Heptacordio", et sa lecture fortificie en nous les quelques impressions qui précèdent. Œuvre

d'une femme de lettres réellemente notable, Mme. Ibrantina Cardona — un nom qui pour beaucoup sera une révélation — ce petit livre contitue um recueil de poésies d'un charme pénétrant, profond, débordant de sentiment, nouvelle pièce á conviction au procês de la lente élaboration de la race brésilienne, et surtout de la femme brèsilienne. "Heptacordio'' prend d'emblée une place en relief dans la poèsie nationale, son auteur se hausse du même coup au niveu des poétes de race.

(Le Messager, de São Paulo).

⊛

IBRANTINA CARDONA

HEPTACORDIO

Livro de versos da poetisa fluminense Ibrantina Cardona.

Edição da Sociedade Editora Olegario Ribeiro. — S. Paulo — 1922.

Dando ao seu primoroso livro de versos o titulo de HEPTACORDIO — que lembra a lyra de sete cordas usada pelos antigos — quiz a poetisa Ibrantina Cardona, num verdadeiro sonhar de alma eleita, sonhar que desperta o melhor e mais delicado pronunciamento da arte, pedir ás sonoridades do passado o seguro diapasão para os doces acórdes de sua lyra tersa. E o fez com a inspiração não de uma iniciada mas de conhecedora dos segredos que vivem no credo dos esthetas e que se desdobram nas subtilezas da palavra rimáda. "Filha de Nova Eriburgo'' — a bella cidade serrana — não podia a distincta friburguense deixar no olvido a sua:

"TERRA NATAL

Serras dentando o espaço escampo que fulgura,
As montanhas nataes, envoltas na couraça
De enredado verdor, aprumam-se na altura,
Onde as grimpas, ao longe, o infinito lhes traça.

Transporto-me, a sonhar; ascendo-as, braça a braça;
E, do cume em que o sol vara a quente olhadura,
Vejo, ao longe, oh! visão que em minh'alma perpassa,
O meu paterno lar... Alguem canta, emmoldura

De brincos o meu berço, e a beijar-me o embalança...
Ai, terra que me abriste os olhos para a vida,
Si, ao solo onde tracei meus passos de creança,

Um dia, não lograr o retorno que anseio,
Quando eu, longe, tombar, pela morte vencida,
Guarda o meu coração na urna do teu seio."

A poesia de Ibrantina Cardona é bem a traductora d'um temperamento vigoroso a serviço d'uma intelligencia de éscól. Publicando em S. Paulo, seu primeiro livro "Plectro", teve a sagração da critica competente e estreiou com raro successo na arena literaria.

Lendo seu livro tivemos a impressão de que uma poetisa de estro forte, segura do vernaculo e de grande erudição, se achava á nossa frente — merecedora de nossa apreciação sincera, digna dos elogios do presente e despretencioso registo. Sintamos, por um delicioso instante, o surto de seu talento no alto conceito dos versos sublimes que formam o soneto:

"INVOCAÇÃO

Musa, estrella do verso, alma com que propago,
Mercé de tua graça, o bem que me extasia,
Dá que eu cante, serena, ao teu influxo mago,
Dá-me a nobre altivez de eleita da poesia.

Crente, a minh'alma exora, e grata, em ti confia;
Nos labios trago o riso, a fé no seio trago
E ao teu vulto me inclino, a implorar-te uma estria
De luz ao meu roteiro; acolhe, com affago,

Minha supplica ideal; tange-me n'alma a corda
Harmonica do verso; e de aureos raios borda
A módula canção que aos labios me aflorar.

E baixa o teu amen, ó Musa protectora,
Por sobre a invocação da ousada sonhadora,
Que as cordas do "Heptacordio" afina, e vai cantar."

A doce invocadora dos celestiaes devaneios d'arte canta com singular sentimento nas cordas do "Heptacordio" de ouro afinadas á módula canção de sua alma de estheta, **A alegria, a tristeza, o amor, o ciume, a saudade, a dor e o lyrismo,** que tantas são as cordas tangidas ao sabor das impressões mais caras, vibram em unisono na ampla extereorisação "dessas pedrarias rubentes dos occasos, desses Angelus piedosos e concentrativos, desse Te Deum glorioso de madrugadas fulvas, desse esplendor de colorida paisagem", desse infinito, emfim, que fez do poeta negro, o grande

Cruz e Souza das "Evocações", o mais clarividente dos escriptores de sua raça.

Ibrantina Cardona, num mixto de lagrimas e de risos, nos pontos extremos em cujo espaço oscilla, no dizer do poeta, o pendulo da vida, symphonia estranha e dominadora, nos alexandrinos vivaces, percorre suavemente as sete cordas do seu mago instrumento, e assim o **Heptacordio** enlevado tambem no enthusiasmo civico, ante o tremular do pavilhão auri-verde, ao som das cornetas, ao tilintar das espadas e ao ruflo cadenciado dos tambores marciaes dá á alma de poetisa as **Vibrações Bellicas** da mocidade sadia que se definem no soneto:

"PARA A GUERRA

A's armas! grita a Patria em represadia a afronta
Do inimigo que a opprime; e ás armas corre, alerta,
A intrepida legião; bravo o gesto, a arma prompta,
Ao prélio, pela Patria os seus braços offerta.

Sob o ufano pendão — aza de gloria aberta,
Fremem alas de heróes; espadas, ponta a ponta,
Carabinas, canhões agitam-se; e, desperta,
Vibra a voz da trombeta e aos espaços remonta.

Patas batendo ao solo, á frente das carretas,
Os cavallos, no ardor do anceio que os avia,
Relincham, sacudindo ao sol as crinas pretas.

Trôa a voz do commando, em torno as hostes, erra;
E, o olhar preso ao pendão que a Patria lhe confia,
Marcha a heroica legião para o campo da guerra".

E a heroica legião, sob a ufana symbolisação da Patria, agitando os canhões e as carabinas, accentúa o valor dos quartorze versos plenos de acrysolado ardor.

Fechando as **Vibrações Bellicas** no soneto "A Bandeira do Brasil", os versos bellissimos perfilam em continencia á alma da Patria, soam aos nossos ouvidos como um hymno que fala aos nossos corações, ante as glorias que nos sorriem, para os horisontes sempre azues da vida sul-americana.

No "**Culto pagão**", terceira parte do victorioso livro, há sonetos como a "Galera da juventude" que é a symphonia da Esperança estuante nos labios rubros dos que caminham para o futuro, pensamento voltado para o ideal, coração volvido para as emoções sempiternas. "Pyramides" é egualmente um

soneto que figura como joia de valor por entre as pedrarias coruscantes do "Culto Pagão"

Nas "Vibrações Lyricas," quarta e ultima parte de HEPTACORDIO, para não citar outros, fulguram, na intensidade do colorido e na mais precisa concepção de idéas, os dous bellos sonetos **Sonho de artista** e **A' Arte.**

Ibrantina Cardona é uma vencedora em sua arte. Em seus versos ha sentimento que fala ao coração, ora despertando sorrisos, ora promovendo lagrimas. HEPTACORDIO é a sagração de um nome de mulher.

ARMANDO R. GONÇALVES

(Da Academia Fluminense de Letras).

D'**A Revista** de Nictheroy, 1922.

⊞

Exma. d. Ibrantina Cardona:

Num requinte de extrema gentileza, houve por bem brindar-me V. Exa. com esse presente regio, portador dos elevados dotes do seu espirito culto, dos seus sentimentos nobres e generosos.

As cordas do seu **Heptacordio** têm harmonias que enlevam; as **Vibrações** nelle desferidas têm doçuras e encantos, que enchem a alma e embalam os corações; da subjectividade do seu **lyrismo** resumbra toda uma suavidade de arte vigorosa e gracil, á semelhança desses arabescos que emmolduram as fachadas dos grandes edificios, em que tão bem se casam a elegancia da esthetica e o conforto da architectura.

Agradeço, profundamente penhorado, o enlevo que me proporcionou com os primores do seu livro e a fidalga gentileza da sua offerta.

CONEGO OLYMPIO DE CASTRO

Rio de Janeiro, 29 de abril de 1923.

(Da **Academia Fluminense de Letras**)

⊞

Exma. d. Ibrantina Cardona:

Registe-se, desde já, a modestia da "rhapsoda": canta ella, no seu livro, os deuses e os heroes. Ora, para cantar os heroes e os deuses, empregavam os gregos a lyra de vinte cordas, não de sete; e é de facto, d'aquelle numero o in-

strumento que dedilha a inspirada patricia, continuadora, nesse ponto, d'aquella arte austera e grandiosa em que pontificou Francisca Julia da Silva.

Seria grande prosápia da minha parte pretender esboçar siquer a critica do **Heptacordio.** Não veja nestas linhas, D. Ibrantina, senão um bater de palmas enthusiastico á sua primorosa obra e um agradecimento profundo pela captivante gentileza com que me enviou o exemplar do seu livro.

Beija-lhe as mãos fidalgas quem muito se presa de ser seu confrade muito admirador

VEIGA MIRANDA

Rio de Janeiro, 23 de abril de 1923.

✻

"HEPTACORDIO"

Livro de versos da sra. Ibrantina Cardona

Nestes ultimos tempos, apesar de certo futurismo idiota que adoptaram, por cabotinismo, os mais fracos intellectuaes do Brasil, parece que a nossa poesia nacional quer dirigir-se num rumo seguro, sufficientemente patriotico, mas tambem universal pelos seus conceitos exteriores. Ao lado da intenção regional, que é representativa, marcha o pensamento humano, cujo desenvolvimento é trabalho de todos os povos.

A sra. Ibrantina Cardona prova-nos que, como já ensinava Sylvio Romero, não é necessario fallar no Pão de Assucar para mostrar que se nasceu neste paiz. Existe, de facto, um nacionalismo intimo, de tendencia, espontaneo; e esse nacionalismo se estampa no livro **Heptacordio**, publicado em S. Paulo pela notavel artista fluminense.

E' uma obra de alta significação. Por causa da forma, alguns lhe chamaram parnasiana. Trata-se de mania enraizada em nossos criticos improvisados. Dir-se-á com acerto que **Heptacordio** paira além da escola herediana e proximo ás correntes actuaes da mentalidade.

Salienta-se, antes de tudo, graças á elegancia algo torturada da sua contextura. Mas a sra. Ibrahina Cardona, lida, naturalmente, nos contemporaneos da Italia e da França, fez do **Heptacordio** um espelho da sua alma.

Agora, perguntar-se-á:

— A sra. Ibrantina Cardona é impassivel, petria, fria?

Entretanto, é razoavel que se responda a esta indagação, interrogando:

— Onde a frieza, a petrificação, a impassibilidade do éstro da sra. Ibrantina Cardona?

Não convem confundir o trajo e a pessôa. A sra. Ibrantina Cardona maneja um verso bronzeo, ressonante, amplo; porém, sob as galas do seu systema de metrificar, ruge e se agita um coração feminino, cheio de ternura.

Provas?

Basta uma. Eil-a:

"Calmo, á brisa que o afaga, o mar azul embala
o fluctigeno berço; ao léo da esteira mansa,
vem á praia uma onda, e, beijando-a, resvala,
e volta ao seio d'agua, e desfaz-se, em bonança.

Succede á brisa o vento, e embrusca o céo de opala;
turvo, agita-se o mar; empola-se a onda, avança,
estruge contra a praia; em furia, a açoita, estala,
e ao seio bramidor, de retorno, se lança...

Alma ansiosa, és igual a esse mar; ora, presa
das illusões, o amor, a paz e os teus antolhos,
expandes, num sorriso; ora, atada á tristeza,

sob a dor que exaspera, estuando, dentre escolhos,
da tormenta moral rebentas a represa,
e as ondas sobrevêm nas lagrimas dos olhos.

De lado qualquer estreiteza de credos estheticos, este soneto merece um qualificativo: **maravilhoso!** E o **maravilhoso!** deve arrastar, assim, uma empertigada admiração, que denote vibração, franco enthusiasmo, lealdade, energia.

Devemos considerar que os pontifices do parnaso indigena, os homens da palmatoria, baralham tudo: elles confundem essa exhuberancia chocanesca, essa nervosa sensibilidade d'annunziana, esse frêmito á Nietzsche, com a ausencia de sentimento. Burrice! Como é que se deseja forçar quem possue inspiração ás dengosas luminarias e aos desengonçados prosaismos dos penumbristas, dadaistas, frendistas e boçalistas?

A orientação que a sra. Ibrantina Cardona deu ao **Heptacordio** é nobilissima. Sua musa não se extravia pelo sensualismo material de escriptores pouco escrupulosos; não se mistura aos artificialismos seccos de outras, que são literatas por que são da **sociedade**; não se dilúe em hysterismos de solteirona ou de viuva inquieta; mas se eleva, mas se purifica, mas se honra na altura em que se firmou, não somente pela finura dos seus ideaes, como igualmente pela escolhida maneira de expressar-se.

O **Heptacordio** perdurará e a sra. Ibrantina Cardona, pelos seus illustres méritos, desde agora pode receber as palmas que coroam o seu esplendido, claro e evidente triumpho.

SYLVIO JULIO

(Do "Fon-Fon" do Rio de Janeiro, de 13 de Janeiro de 1923.)

⊛

UMA GRANDE ARTISTA

"Heptacordio", versos de Ibrantina Cardona.

Nascida no Estado do Rio de Janeiro, vive hoje no interior de S. Paulo, uma das maiores poetisas do Brasil: Ibrantina Cardona. Muito conhecida desde que publicou o seu livro **Plectro**, agora firmou definitivamente o seu glorioso nome com esse cofre de diamantes que é o **Heptacordio.**

Seus vresos têm exquisita sensibilidade e são trabalhados em ouro e marmore. Podemos dizer que á elegancia da sua phrase, a notavel artista fluminense junta o seu coração de mulher que, sem perder as caracteristicas do seu sexo, traz á luz algo de novo e inaudito. Ibrantina Cardona destaca-se facilmente da massa amorpha de cantores nacionaes, já pela emoção especial e inconfundivel, já pela nobreza da sua linguagem.

(Da Revista literaria **O Norte**, do Rio de Janeiro, de 1 de Janeiro de 1923.)

⊛

IBRANTINA CARDONA

A aurora de dois livros de versos — **Plectro** e **Heptacordio** — já foi consagrada pela critica indigena.

Consideram-n'a em o mesmo plano das poetisas patricias Francisca Julia e Rosalina Coelho Lisboa.

Li o reli o **Heptacordio**, cujas paginas contêm versos magistraes, producções magnificas, algumas das quaes de dulçuroso lyrismo.

A illustre poetisa, que obsecrou á "Musa, estrella do verso", a graça e a ventura de ser "Eleita da poesia",, não a invocou sem a esperança — muito legitima de obter os laureis da victoria. Conseguiu ser, com effeito, a "Eleita da poesia".

Um dos seus lindos sonetos é o que ella dedica á sua terra natal, a formosa Friburgo, a "princeza das serras".

"Serras dentando o espaço escampo que fulgura,
As montanhas nataes, envoltas na couraça
De enredado verdor, aprumam-se na altura,
Onde as grimpas, ao longe, o infinito lhes traça.

Transporto-me, a sonhar; ascendo-as, braça a braça;
E, do cume em que o sol vara a quente olhadura,
Vejo ao longe, oh! visão que em minha alma perpassa,
O meu paterno lar... Alguem canta, emmoldura

De brincos o meu berço, e a beijar-me o embalança...
Ai terra, que me abriste os olhos para a vida,
Si, ao solo onde tracei meus passos de creança,

Um dia, não lograr o retorno que anseio,
Quando, eu, longe, tombar, pela morte vencida,
Guarda o meu coração na urna do teu seio."

Esta e muitas outras joias de fino lavor, de egual quilate, formam o escrinio poetico da insigne cantora do **Heptacordio.**

JOAQUIM PEIXOTO

(D'O **Fluminense,** de Nictheroy, de 12 de abril de 1923.)

⊛

UM LIVRO ENCANTADOR

Um illustre épico lyrico definiu a poesia: é a musica do coração. Eu, porém, afrontando o juizo da definição, penso que a poesia é o sol do amor, do amor vida universal, a humanidade toda inteira.

A poesia, quando pura e elevada, quando divinamente inspirada, nos conduz ao empyreo do summo prazer nas azas dos melhores sentimentos e das emoções mais santas.

Dá-nos, por momento, o extasis e a beatitude.

A poesia é o nosso proprio coração, nos rythmos e nas cadencias de suas pulsações; é a nossa alma que se sublima; é a nossa vida que se idealisa; é o nosso lar, a nossa Mãe, a nossa esposa, a nossa filha e a nossa patria.

Nada há na natureza que não seja um cantico na estrophe de um poema; e o mais bello é a mulher, principalmente a mulher que tiver diante de si a Musa do seu ideal.

Já affirmou alguem, naturalmente um desses espiritos eleitos, que deixaram traços de luz na trajectoria da exis-

tencia, "que a poesia é a cúspide da Arte, o poeta, o grande artista. A poesia é a potencia creadora da alma; é a propria alma encarnada na forma ingenita da idéa na palavra". E essa expressão tam legitima de representar esse sentimento a brotar do coração está humanisada em Ibrantina Cardona.

Leiam-n'a no seu **Heptacordio,** o primoroso livro que o seu talento produziu agora, onde se encontram paginas e paginas de uma belleza poetica bem rara, e ter-se-á confirmado na mais completa verdade aquella assertiva, que a minha pobre penna emittiu num gesto de sincera admiração.

Esse livro é como um espelho em que ella vai reflectindo as impressões de seu espirito, que vive a percorrer o mundo, recebendo como em uma placa photographica tudo que nelle existe, quer nas formosuras e esplendores da natureza, quer nas obras magnificas dos homens.

Eu sempre tive pelos poetas as minhas maiores inclinações; sempre os amei com um amor intenso, ou porque nelles eu veja essa doçura de alma a se desfazer em mil encantos, ou porque elles se apossem mais que nos outros das impressões sentimentaes, ou porque, e é o mais crto, vibrem com maior ardor e com mais naturalidade as cordas da lyra, como se tivesse tangendo as cordas do coração.

O poeta é para mim o artista do bello. Occupa logar dentro do meu peito. Eis porque folheando o magnifico livro de Ibrantina Cardona tive logo sympathias pela sua autora. E essa autora é uma senhora de finissima cultura, de muita fidalguia de sentimentos, reunindo assim a essas encantadoras virtudes outros dons intellectuaes que a natureza tam prodigamente lhe deu.

Nas paginas brilhantes desses poemas começa a illustrada poetisa por uma "Invocação á Musa", a quem implora por umas lindas estrophes a inspiração, e assim falla, em voz sonora:

"Dá que eu cante, serena, ao teu influxo mago,
Dá-me a nobre altivez de eleita da poesia."

E a Musa delicada, indo ao encontro desses desejos, tam nobres da excelsa filha das terras fluminenses, inspira-a com hymnos soberbos para que ella possa cantar com enthusiasmo a "Alegria", a "Tristeza", o "Amor", o "Ciume", a ''Saudade" a "Dor" e o "Lyrismo"; e isto com sete cordas do seu maravilhoso instrumento — o heptacordio da famosa Hellade.

Não está satisfeita. Quer que o seu pensamento paire em outros horizontes, e agora intercede a Marte, o deus da guerra, para que a inspire tambem, ella que tem ansia de mos-

trar aos homens o que são os seus desvarios e odios, os seus duellos e encontros sangrentissimos nos campos das batalhas, e o que vale a "Paz", fonte de fraternidade e base de progresso universal.

Ella canta e chora, brame e grita sob os auspicios do tyranno deus: o "Aeroplano", o "Submarino", o "Canhão", o "Clarim", o "Soldado", o "Prisioneiro", a "Espada", a "Paz", e exalça a "Bandeira do Brasil" nas phraeses patrioticas desses lindos versos:

"Pallio auri-verde ao sol, extensa á brisa a trama,
Pompeando do Cruzeiro a estellar bordadura,
Eil-o, erguido o Pendão que á Patria egregia acclama,
E o nome do Brasil de glorias emmoldura.

....

Sob o seu pallio augusto, ao som do hymno sagrado,
Vibra a voz da justiça e freme a liberdade;
Fallam glorias de heroes e bravos do passado.

Mas, estou a exceder-me nesta ligeira apreciação, que tentei fazer do seu livro, illustre poetisa, quando não me sinto com pulso para esse trabalho.

O que posso affiançar com as minhas insufficiencias sobre o assumpto é que os versos, que V. Ex. reune em 104 paginas, são os mais adoraveis. Cantem elles "Hercules" ou "Pan", o "Deserto", as "Pyramides" ou a "Miragem", são sempre os de uma lyra altisona. Nelles não encontrei sómente um estro sempre inspirado, sempre em grande elevação, vi tambem que o "Sonho de artista", a "Prece" e a "Nostalgia" ou "Vibração", "Devaneios" e "Rosas" honram a qualquer poeta excelso, e que a talentosa brasileira conhece ou melhor falla de cadeira sobre metrificação.

Nesse lyrismo de tanta belleza pela forma, pelo fulgurante das imagens, pela vivacidade de expressão, e pelo ideal que se quer attingir há cousas que encantam a gente, e fio por isto que, ao lel-as, me lembrei logo da trazer á distincta poetisa as calorosas homenagens do meu grande apreço.

ANTONIO THEODORICO DA COSTA

Fortaleza, Ceará. Fevereiro de 1923.

(Da Academia Cearense de Letras.)

A' IBRANTINA CARDONA

(Telegramma)

Acabo de ler as bellas paginas do **Heptacordio**, e tenho grande prazer em felicitar á notavel poetisa por mais esta prova do seu formosissimo talento.

Sente-se em todo o livro a pujança de uma lyra que conhece todos os segredos da divina arte poetica.

Profundos agradecimentos pela generosa dedicatoria com que nos honrou.

LUIZ GUIMARÃES FILHO
Ministro do Brasil

Montevidéo, 9 — 6 — 922.

(Da Academia Brasileira de Letras)

❋

"HEPTACORDIO"

Versos de Ibrantina Cardona

Segundo lemos em varios criticos da sua obra, a vida dessa poetisa fluminense tem sido toda ella uma vida austera de amor á Belleza. Desdenhosa dos reclamos e das louvaminhas insignificativas, Ibrantina Cardona vive reclusa na sua arte como num "huerto cerrado", sem pretender nada mais que a estima dos intellectuaes authenticos e dos amadores das bellas estrophes. Lê os grandes poetas — Racine, Hugo, Leconte e Heredia, que são para ella os directores lyricos da consciencia humana. Seu livro **Heptacordio** está cheio das visões radiosas de uma alma que encontra na belleza a mais sensivel das verdades terrestres. E' ella das que pretendem retemperar a poesia moderna, abastardada pelos excessos dos falsos innovadores, no contacto com a Hellade. Seu estro é, naturalmente, classico.

A vitalidade da sua inspiração sadia leva-a a amar os mythos pagãos, mas sem por isso esquecer o mundo moderno, com tantas aspirações humanitarias que acabam, não raro — doloroso contraste! — no horror das chacinas bellicas.

Seja embora a Grecia a patria ideal do espirito de Ibrantina Cardona, a sua patria verdadeira, a patria do seu coração, é o Brasil, em cuja bandeira, antes um pallio auri-verde, "pompeia do Cruzeiro a estellar bordadura".

(D'O **Mundo Literario**, de 5 de outubro de 1922, do Rio de Janeiro.)

"HEPTACORDIO"

Versos de Ibrantina Cardona

A illustre poetisa Ibrantina Cardona — uma das mais gloriosas cultoras do verso, nascida neste Estado — acaba de publicar um admiravel livro de poesias.

Heptacordio é o seu titulo. E' um volume cheio de belleza e de rythmo. Ibrantina Cardona é bem a poetisa que através de trabalhos esparsos e do seu inspirado **Plectro**, tanto temos admirado e louvado.

O seu verso limpido e forte, cheio de magia e vibração, é de uma perfeição extraordinaria.

Opportunamente, diremos mais detalhadamente sobre o seu formoso livro.

(Do **Jornal de Nictheroy**, de 10 de Abril de 1923.)

⊞

"HEPTACORDIO"

A' Ibrantina Cardona

As flores têm a divina virtude de despertar a attenção de todos, e ninguem, por pobre que seja de intelligencia, se tornará indifferente aos magnificos versos, tão magistralmente burilados, que formam a collecção de poesias intituladas **Heptacordio.**

Ha muito tempo me acostumei a julgar a poesia pelos conceitos do grande estylista Latino Coelho:

Para os antigos é um Deus que vibra no intimo d'alma as córdas do estro juvenil."

"Para os modernos é uma lucta em que o espirito, rompendo as cadeias da humanidade, esvoaça para o infinito."

"A poesia é o protesto eloquente do sentimento, que affirma a immortalidade, contra a sensação, que celebra a apotheóse da carne."

Acredito estar errado, resta-me o consôlo de não acertar com um dos maiores mestres da arte de dizer.

A poesia é a lucta do sentimento, não contra a razão, mas contra o proprio sentimento, quando elle desce ás escarpas fragorosas de descrer da perfeição humana.

⊞

Li vosso livrinho com a satisfacção de quem examina um trabalho pouco commum, principalmente em se tratando de uma poetisa.

Posso garantir, vossa Musa vos inspirou versos d'aquelles que cantam, com magia, os sentimentos que elevam o coração e purificam o espirito, nos instantes de felicidade ou nos momentos de tristeza.

Os versos, que escrevestes, são verdadeiras flores, e, como estas, participam das mais variadas fórmas, com que a asymetria harmoniza os tons de uma cambiante celestial; dos perfumes mais penetrantes, em que a individualidade se avigora para as concepções grandiosas de um ideal de luz.

Ha em todos elles aquillo que se poderia chamar a alma da poesia, por isso são versos que vivem e fazem palpitar o coração dos menos habeis no manejo da palavra.

Todos os vossos versos são irreprehensiveis e os sonetos admiraveis!

O **Heptacordio** é uma joia de lavor finissimo, que encanta, seduzindo até aquelles pouco habituados no manusear obras de arte.

Difficil seria a escôlha do melhor trabalho, porque, entre perolas iguaes, não sei distinguir.

Abrindo, ao acaso, vosso livro, aponto sem receio, e não me furto ao desejo de transladar o soneto.

O AEROPLANO DE GUERRA

"Aza electrica e audaz que aos ares arrebata,
Num arrojado vôo, o homem que a determina,
O aeroplano veloz — aligera fragata,
Dos espaços conquista a róta peregrina.

Freme, ronca o motor que o impulso lhe desata,
Sob o pallido do sol, ou entre o veo da neblina;
E a sua bulha lembra um ruido de cascata,
E o seu vulto o condor que á lucta se destina.

Ora abaixo, ora acima, as espiraes desdobra;
Dentre a nuvem se occulta; e fugindo á manobra
Do adverso caçador, o choque no ar atalha.

Numa estratégia heroica, a investida traceja,
E da altura em que espreita á bellica peleja,
Por sobre a terra joga o explosivo e a metralha."

A outrem, que não a vós, escrevesse eu fazendo ligeiras referencias ás vossas poesias, ousaria agora perguntar:

— Ter-me-ia o acaso proporcionado a ventura de indicar, de facto, o mais delicado de todos os bons sonetos do **Heptacordio?**

E se me fosse dado o responder, diria que não.

Que não, porque, se todos vossos sonetos são admiraveis e participam de uma inspiração elevada, **O aeroplano de guerra** não é mais descriptivo nem mais bello do que **O submarino,** assim como este não sobrepuja nenhum dos outros que formam a constellação poetica do **Heptacrdio!**

Illustre poetisa, não sei se sou pessimista, mas posso asseverar-vos — tenho um egoismo intellectual como poucos.

Talvez não me expresse bem!

Quizera, ao ajuntar aos meus agradecimentos, aos felicitações a que tendes direito, poder dizer-vos:

Agradam-me vossos versos, não só porque são filigranas, mas tambem porque sentem como eu sentiria se fosse poeta; honram-me os vossos versos, porque sois filha tambem do mesmo Estado em que nasci; porque sois uma grande poetisa, a quem agora só quizera apertar effusivamente as mãos fidalgas, felicitando-vos, com enthusiasmo, com satisfacção e carinho.

ALBERTO RODRIGUES FORTES

Nictheroy, 3 de Maio de 1923.

TERMINOU-SE A IMPRESSÃO DESTE LIVRO NO DIA 23 DE MAIO DE 1923, NAS OFFICINAS DE MONTEIRO LOBATO & CIA. — RUA DOS GUSMÕES, 70 — S. PAULO